Historinhas Pescadas

Angela Lago; Artur Azevedo; Bartolomeu Campos Queirós; Christiane Gribel; Eva Furnari; Machado de Assis; Moacyr Scliar; Pedro Bandeira; Rosa Amanda Strausz e Ruth Rocha

Sumário Geral

Carta aos leitores — Marisa Lajolo

1. Lolo Barnabé — Eva Furnari

2. Onde tem bruxa tem fada... — Bartolomeu Campos Queirós

3. Tampinha — Angela Lago

4. Mamãe trouxe um lobo para casa! — Rosa Amanda Strausz

5. Pipi — Artur Azevedo

6. Minhas férias, pula uma linha, parágrafo. — Christiane Gribel

7. Um apólogo — Machado de Assis

8. É proibido miar — Pedro Bandeira

9. Atrás da porta — Ruth Rocha

10. Negrinho do pastoreio — Moacyr Scliar

Carta aos leitores

Olá meninas, alô meninos, oi todo mundo!

Este é um livro de histórias. Muitas histórias, de tamanhos variados, cada uma muito diferente da outra, para você ler, para você se divertir, rir, emocionar-se, descobrir coisas novas. Você sabe como é a literatura, não é mesmo? Aquela mágica das palavras que se derramam das páginas dos livros e entram pela nossa vida para todo o sempre...

Nestas “Historinhas pescadas”, dez pequenas narrativas levam você pelos caminhos da imaginação para regiões e situações incríveis. Inventadas por diferentes escritores brasileiros, que viveram em diferentes épocas e em diferentes regiões do Brasil, todas elas têm algo de muito importante para lhe contar.

Você já ouviu dizer que quem conta um conto aumenta um ponto? Eu já ouvi e concordo que as histórias sempre sofrem modificações quando são contadas por diferentes pessoas. Concordo com a idéia, mas acho que não é apenas quem conta um conto que aumenta um ponto. Quem lê e quem ouve um conto também aumenta um ponto.

Você sabe por que penso assim?

Porque um conto não acaba no ponto final. No ponto final, acaba a leitura, mas não acaba a história. A história dura muito mais, às vezes a vida inteira. A história fica rodando na cabeça de quem a lê ou a escuta, lembrando a gente de coisas que a gente já viveu, de pessoas que a gente conhece, de situações pelas quais a gente passou.

Por isso histórias são tão importantes.

Histórias são muito importantes na vida das pessoas e na vida dos povos.

Todos os povos têm histórias que contam as coisas que todos precisam saber: como começou o mundo, como surgiram os seres humanos, o que acontece depois da morte, como é que as pessoas devem tratar umas às outras... As histórias também acompanham nossa vida, desde pequenos. Você não se lembra das histórias que contavam quando você era bem pequenininho ou bem pequenininha, e que começavam sempre com “era uma vez”?

Agora, com este belo livro para inaugurar sua biblioteca, você começa a

fazer parte da grande corrente de contadores de história: lendo ou contando as histórias aqui reunidas para outras pessoas — seus pais, seus irmãos, seus amigos, seus colegas —, você vai fazer, na prática, com que elas não terminem no ponto final. Ou seja, você vai ler um conto e aumentar um ponto!

Professora Marisa

Lolo Barnabé

Eva Furnari

No tempo em que as pessoas moravam em cavernas, existiu um homem muito criativo e inteligente chamado Lolo Barnabé.

Aos vinte anos, Lolo casou-se com Brisa. Ela também era como ele, criativa e inteligente. Casaram-se por amor. Muito amor.

Depois da lua-de-mel, escolheram a melhor caverna da região para morar e, logo no primeiro ano de casamento, tiveram um filho, o Finfo Barnabé, também criativo e inteligente.

Todos os dias, Lolo saía para caçar e colher frutas.

À noite, sentavam-se todos em volta da fogueira, assavam a carne, cantavam canções e agradeciam a Deus pela beleza da vida.

Eram muito felizes.

Eram muito felizes... mas nem tanto.

A caverna era úmida.

Por essa razão, Lolo e Brisa acharam melhor construir uma casa no alto do morro.

Teriam mais conforto e poderiam viver melhor.

Lolo, que era muito habilidoso, fez uma casa linda, e a família, animada, mudou-se para lá. Brisa queria que a casa fosse amarela e Lolo, que amava a esposa e lhe fazia todas as vontades, pintou a casa de amarelo.

O tempo passou e eles estavam felizes... mas nem tanto.

Brisa não gostava de vestir aquela pele de animal. Sentia frio.

Então eles tiveram a idéia de fazer roupas mais adequadas. E, como ela também era muito habilidosa, inventou o vestido.

Ficou animada e, em seguida, inventou o sutiã, a calcinha, a cueca, a camisa, a calça, a bermuda e o pijama. E Lolo inventou sapatos que combinassem.

Todos ficaram felizes... mas nem tanto.

Brisa achou que faltava uma coisa e falou para Lolo:

— Amor, não podemos deixar nossas belas roupas pelo chão. Você não acha que poderíamos fazer assim uma espécie de móvel para guardar a roupa?

Lolo achou que era uma excelente idéia, tudo ia ficar mais limpo, e inventou o guarda-roupa. Como era muito habilidoso, fez um grande armário de cerejeira, cheio de gavetas, portas e puxadores cromados.

Finfo adorou, já tinha um lugar para se esconder quando brincasse de esconde-esconde com o pai.

Todos ficaram felizes... mas nem tanto.

Lolo tinha feito uma bagunça danada para construir o armário e Brisa ficou irritada.

Lolo, então, para acalmar a mulher, inventou a vassoura e achou que era melhor já fazer uma oficina longe de casa para não atrapalhar a felicidade do lar. E fez.

Todos ficaram felizes... mas nem tanto.

No lar havia problemas. Finfo acordava sempre com o pijama sujo depois de dormir no chão.

Brisa discutiu a questão com Lolo e eles acharam que podiam construir uma espécie de coisa assim, de madeira, com quatro pés, macia por cima. Ia ser muito mais confortável e a vida deles ia melhorar.

Lolo pensou bastante, trabalhou muito e inventou a cama. Como todos sabem, Lolo era caprichoso, e já inventou a cama com colchão, lençol, cobertor e travesseiro.

Brisa ficou encantada, principalmente com o travesseiro, que era a coisa mais macia do mundo.

Todos ficaram felizes... mas nem tanto.

Como eles almoçavam e jantavam em cima da coisa macia, a cama,

estavam sujando muito os lençóis.

Lolo, então, inventou a mesa.

Todos ficaram felizes... mas nem tanto.

Acharam muito desconfortável comer em pé.

Lolo trabalhou bastante e inventou a cadeira. Muito confortável, muito confortável mesmo, bem melhor que comer em pé. Aproveitou para ficar sentado por mais de uma hora, pois ele estava cansado de tanto inventar e construir coisas, além de caçar e colher frutas, é claro.

Todos ficaram felizes... mas nem tanto.

Lolo e Brisa estavam achando que cozinhar na fogueira dava muito trabalho e eles não queriam trabalhar tanto. Se inventassem algo mais prático, teriam mais tempo para ficar juntos, se divertir e descansar. Inventaram, então, o fogão a gás.

Todos ficaram felizes... mas nem tanto.

Lavar a roupa lá no rio também era coisa dura. Brisa e Lolo queriam facilitar essa tarefa. Pensaram muito e inventaram a água encanada e o tanque. E, já que tinham inventado a água encanada, inventaram logo o banheiro para não ter que ir no mato, à noite, no frio.

Deu trabalho, Lolo já trabalhava oito horas por dia, inventando e construindo coisas e, apesar do cansaço, o resultado compensava.

O banheiro ficou maravilhoso.

Fizeram uma festa com o sabonete, o xampu, o condicionador, o creme hidratante, a esponja de banho, o talco, o papel higiênico, o perfume, o mercurocromo, o algodão, a gaze, o esparadrapo, o cotonete, etc.

Lolo adorou o creme, a lâmina de barbear, a loção pós-barba, o barbeador elétrico, o desodorante, etc.

Ficaram encantados com a escova de dentes, o creme dental, o protetor solar, o colírio, etc.

Divertiram-se muito com o pente, a escova, o grampo, o secador de cabelo, etc.

E enlouqueceram de alegria com o espelho.

Todos ficaram felizes... mas nem tanto.

Lolo tinha tanto trabalho e passava tantas horas por dia fora de casa,

inventando coisas para dar conforto e facilitar a vida, que ficava estressado e com saudades do filho, que sempre estava dormindo quando ele chegava. Então Lolo inventou o telefone, para que eles pudessem se falar diversas vezes por dia.

Todos ficaram felizes... mas nem tanto.

Pelo telefone não dava para abraçar, nem beijar. Então tiveram a idéia de Brisa ajudá-lo na oficina, assim Lolo poderia chegar mais cedo do trabalho para abraçar e beijar o filho.

Todos ficaram felizes... mas nem tanto.

Brisa e Lolo, à noite, quando chegavam do trabalho, depois de abraçar e beijar o filho Finfo, ainda tinham que lavar a louça, a roupa, fazer o jantar, passar pano no chão e ficavam cansados, irritados, briguentos e enjoados de fazer todos os dias aquilo tudo. Naquele tempo ainda não tinham inventado a pizza “delivery”.

Acharam que a solução era facilitar as tarefas. Pensaram tanto que quase fritaram o cérebro quando inventaram, de uma só vez:

O liquidificador, a batedeira, a centrífuga, a cafeteira, o espremedor, a garrafa térmica, etc.

O microondas, a torradeira, a sanduicheira, etc.

A máquina de lavar roupa, o sabão em pó, o detergente, o amaciante, o alvejante, o desinfetante, etc.

A geladeira, o “freezer”, a despensa, etc.

A máquina de lavar louça, a secadora, o balde, o esfregão, a lata de lixo, etc.

O carpete, o aspirador de pó, o tira-manchas, etc. E, finalmente, inventaram o fim de semana, que ninguém é de ferro.

Todos ficaram felizes... mas nem tanto.

Sempre tinha algum aparelho que encrencava e isso era uma dor de cabeça danada.

Eles tinham que levar para a oficina para consertar e, como já estavam acostumados com o conforto, ficavam extremamente irritados e impacientes de fazer as coisas na mão. Coisinhas como lavar a louça, a roupa, bater ovos...

Além do mais, a família Barnabé, agora, era chique.

Lolo, Brisa e Finfo passaram a achar importante estarem sempre bonitos e elegantes. Não queriam mais andar de qualquer jeito, com a roupa amarrotada.

Não ficava bem.

Lolo inventou, então, o ferro de passar.

Todos ficaram felizes... mas nem tanto.

Dava um trabalho danado passar a roupa. E Brisa não tinha mais tempo, afinal ela trabalhava fora.

E Lolo, dessa vez, não se sabe por quê, não conseguiu inventar uma máquina de passar roupa. Deve ter dado um “tilt” nas idéias dele.

Mas é compreensível, porque, afinal, ele também era humano e às vezes falhava.

Lolo ficou muito deprimido e pensativo, mas a mulher foi compreensiva e arranjou uma solução: chamou sua prima para vir todos os dias passar a roupa.

Era uma ótima idéia, porque ela poderia fazer também as outras tarefas da casa. Assim Brisa teria tempo para inventar e fazer coisas na oficina.

A prima queria alguma recompensa por trabalhar na casa e então eles inventaram o dinheiro e deram para ela um salário. Como era pouquinho, chamaram de "salário mínimo".

Todos ficaram felizes... mas nem tanto.

Finfo ficava sozinho o dia inteiro sem a mãe nem o pai por perto. Sentia-se infeliz, não tinha com quem brincar, já que a prima de Brisa também só ficava cuidando da casa.

Então Lolo e Brisa inventaram a televisão, o sofá e o controle remoto.

Todos ficaram felizes... mas nem tanto.

Eles chegavam à noite tão cansados do trabalho e o Finfo querendo brincar e eles querendo descansar que acabavam brigando. Depois, também, cansados de brigar, sentavam-se todos na frente da televisão e ficavam hipnotizados e mudos como sacos de batata.

A família Barnabé sentia que aquilo não estava bom. Havia alguma coisa errada naquela história, mas era difícil, bem difícil, entender o que é que estava errado. A situação parecia um grande nó.

Lolo e Brisa pensaram logo em inventar mais alguma coisa, mas pela primeira vez não sabiam o que fazer. E, na verdade, pela primeira vez também

perceberam que não era o caso de inventar mais nada.

Então eles foram para o quintal, acenderam uma fogueira e sentaram-se em volta dela, muito tristes, buscando uma saída.

Olhando para o fogo, entenderam que eles mesmos tinham criado aquela situação.

Era como uma armadilha.

Ficaram muito infelizes... mas nem tanto.

Lolo contou uma história e Finfo contou outra. Brisa entoou uma canção e lembrou-se de fazer algo que havia muito tempo não fazia: agradecer a Deus pela beleza da vida.

Finalmente entenderam que, se eles mesmos tinham feito aquela armadilha, eles mesmos poderiam desfazê-la.

Eles eram bem criativos e inteligentes.

Eva Furnari

Nascida em Roma, na Itália, Eva Furnari vive no Brasil desde os três anos de idade. É escritora e ilustradora de livros infantis, já tendo publicado mais de trinta livros. Durante sete anos publicou pequenas histórias semanais no suplemento infantil do jornal “Folha de S. Paulo”. A partir de 1985 colaborou como ilustradora em diversas revistas. Ao longo de sua carreira, Eva Furnari recebeu diversos prêmios. Tem livros publicados no México, Equador e Bolívia.

Onde tem bruxa tem fada...

Bartolomeu Campos Queirós

Ela foi para o azul.

Fez nuvem com seu vestido, colou sua estrela perto das que lá brilhavam.

Seu chapéu, ela deu de presente para menino que por ali passeava... (só em sonho)

E virou idéia.

Isso faz tantos anos!...

Um dia, Maria do Céu cansou de ser idéia.

Com as nuvens, costurou um vestido.

Pediu emprestados os sapatos de um anjo.

Arrancou sua estrela e colou na ponta de um pedaço de raio de Sol.

Com retalhos de papel de seda — resto de papagaio solto de linha — construiu seu chapéu.

E Maria, idéia no céu, virou fada!

Isso faz poucos dias...

Maria do Céu escorregou pelo brilho da Lua até a Terra.

Era um momento em que todos dormiam — até as ruas.

Ninguém, nem mesmo as folhas ou os ventos, viu a fada chegar.

Pela manhã, Maria do Céu acordou com o Sol. Saiu só e cedo para saber em que cidade estava. Percorreu ruas e praças entre o povo.

Maria confundia a todos.

Uns diziam:

é bailarina

é artista de circo que anda em arame

é moça de novela

é visita de outras terras.

Outros teimavam que ela era
resto de Carnaval
garota-propaganda
cigana que tira a sorte.

"O mundo mudou", pensou Maria, idéia vinda do céu. "Nem mesmo os meninos conhecem as fadas e seus poderes."

Maria do Céu, agora fada sem trabalho na Terra, passeando pelas calçadas, pensava em coisas simples de fazer:

sorvete de sonho
algodão-doce de nuvem
sapo virar príncipe
vestido com finos fios de ouro e prata
carruagem de abóbora
bicicleta para passeios aéreos
jardins com flores e falas.

Mas Maria do Céu, que tudo podia, nada fazia. É que as fadas só realizam encantamentos quando pedimos. E ninguém pedia coisa alguma...

Maria era uma fada que olhava e gostava de saber das coisas. Assim, escutando, ela descobriu que outros mágicos tinham invadido a Terra e faziam coisas incríveis:

bicicleta com trote de cavalo
chicletes com vitaminas do super-homem
refrigerantes com sabor de vitória
televisão com poeira de guerra
petróleo com gosto de sangue
míssil mais feroz que a ambição.

Eles diziam onde as pessoas deveriam guardar seu dinheiro. Então o dinheiro crescia, crescia, crescia e ficava tão forte que os homens podiam comprar tudo: casa, carro, viagem, roupa, voto, poder, glória "sem entrada e sem mais nada".

A fada do céu sentiu que não tinha tamanhos poderes. Seus encantamentos só eram coisas de alegrar coração...

Maria, fada na Terra, adormeceu pensando em retornar ao azul e ser novamente idéia. Ela estava segura de que na Terra não havia mais lugar para fada especializada em produzir alegrias.

Os mágicos — prometendo o céu na Terra — davam tantas tarefas aos homens que eles não tinham tempo para saber que faltava tempo para a alegria nascer.

Maria do Céu, triste como o poente, amanheceu pronta para partir no último raio de Sol, ao entardecer.

Mas justo nesse dia ela encontrou um amigo. Menino que lhe pediu para aprender a ler e escrever sem ir à escola. Coisa muito fácil para uma fada vinda do azul.

Com um gesto breve e leve, Maria encostou uma ponta da estrela na cabeça do menino.

A alegria do menino foi tão grande que aprendeu ainda geografia, história, astronomia e política.

Maria do Céu não partiu no pôr-da-noite. "Ficarei mais um dia", pensou ela, "para usar mais a minha vara de condão."

Acordou pela manhã, feliz como aluno em recreio, e saiu só, sem rumo, rua adiante. E ao primeiro menino ofereceu os seus poderes.

— Não — disse o menino. — Quero aprender a ler e a escrever na escola. Ontem — continuou ele — um colega aprendeu sozinho e foi levado pelos doutores para tratamento em hospital. Eles disseram que ele sabia mais do que devia. Não sei o que farão com ele! Talvez tome injeção de esquecimento. Com isso, eu fiquei com medo de saber.

O coração da fada disparou e só à noite conseguiu organizar esta idéia:

— Menino só pode saber das coisas que já foram testadas pelos adultos. Na Terra não se pode aprender nada pelo coração. Ah!, os mágicos! — exclamou Maria.

Maria não gostou de seu pensamento. Ela tinha certeza de que todos podemos saber muitas coisas só olhando o mundo. E menino aprende muito mais. Menino tem olhos novos e coração descansado.

Naquela noite, o silêncio não deixou Maria dormir. Com o pensamento livre, ela pensou o mundo secretamente. Pensou e viu que só se pode ser fada na Terra. Ser idéia no céu não adianta nada. É como ser homem sem corpo na Terra.

O silêncio de Maria pensou ainda sobre os mágicos que moravam na Terra. Eles só fabricavam magias convenientes para eles. E, para facilitar a produção, eles enchiam o coração dos meninos de esperanças. Quando uma esperança começava a morrer, eles fabricavam uma nova.

A esperança passou a ser uma certa doçura que sossegava a todos.

Assim, Maria do Céu resolveu morar na Terra e se fazer fada definitivamente.

Maria, sabendo agora das manhas dos mágicos, tinha no rosto um riso quase de raiva.

Desceu para a praça, lugar onde o povo parava para pensar a esperança, vendo nas vitrines desejos de todas as cores, reuniu em roda os meninos e disse:

— Sou fada. Vivi antigamente na Terra, fazendo virar verdade todos os sonhos dos homens. Teci cobertores com cantos de passarinho, para menino dormir um sono de floresta. Construí cidade de doce. Eram ruas cobertas de chocolates e casa de amor-em-pedaços. Dos chuveiros caíam fios-de-ovos ou eram cheias de mel as piscinas. Viajei com amigos para o fundo do mar, escutando canto de sereias ou montando em cavalo-marinho. Dei poderes aos sapateiros para costurarem botas-de-sete-léguas para menino correr o mundo. Casei príncipes e princesas em casas de anões ou em palácios reais. Um dia, saí da Terra para um repouso. Hoje voltei e posso atender a qualquer pedido. Peçam!

Mas menino algum abriu a boca.

Eles estavam misturados — assustados e encantados com os poderes da fada Maria do Céu.

De repente, um gritou:

— Quanto custa, quanto?

— Nada — respondeu a fada.

— De graça? — perguntou outro.

— Sim, falou a fada. — Eu trabalho pelo prazer de trabalhar. Enquanto trabalho e vocês ficam contentes vou aumentando a minha alegria. Alegria ninguém

seqüestra. Eu durmo tranqüila e sem guarda para vigiar a minha casa. Alegria só aumenta e nem precisa depositar. Ela rende juros no coração.

Os meninos estavam gostando da fada, mas não sabiam o que pedir. Viviam tão acostumados a ter só esperança que a idéia de ter uma coisa de verdade fazia o coração ficar aflito.

Mas a fada não desanimava. Ela sabia que menino tem tanto desejo adormecido!

E continuava:

— Peçam viagens ao centro das sementes para ver a árvore antes de nascer. Peçam ruas cobertas de música para o caminho ser canção. Ou, quem sabe, livros com folhas brancas para os olhos inventarem as histórias! Peçam passarinho ensinado que dorme na palma da mão... Peçam luz de luar com gosto de suspiro para que se tenha sonho doce...

Enquanto falava, a fada lia paisagens nos olhos dos meninos.

De repente, uma voz de menina murmurou com medo:

— Eu quero uma cama para dormir. Sem cama não posso pedir sonhos.

Os meninos calaram...

A fada, assustada, olhou no coração da menina e viu a esperança balançando.

Com gesto preciso, fez surgir, no centro da praça, uma cama de madeira polida e mais um colchão de algodão macio.

— É sua — disse a fada.

A menina, olhando de longe e com medo daquela verdade, respondeu:

— Não quero mais. Não tenho casa para guardar a cama.

A fada, sem vacilar, continuou seu trabalho, fazendo nascer, no meio da praça, uma casa, com janelas para os quatro cantos do mundo! E, dentro da casa, a cama.

A alegria engoliu os meninos, que dançavam roda em volta da casa, olhavam pelas janelas, subiam no telhado, fingiam sono sobre a cama.

"A alegria é também uma maneira de menino organizar o coração", pensou a fada.

No meio da brincadeira que os meninos viviam, na praça, foram aparecendo

magicamente

o banqueiro

o industrial

o economista

o arquiteto

o deputado

o professor

o padre

o delegado.

Sem reparar na alegria dos meninos, o prefeito discursou:

— Senhores, a praça foi feita para o povo pensar a esperança. Não posso deixar esta casa plantada no meio dela. Como representante legítimo do povo, mandarei destruí-la.

O banqueiro perguntou ao industrial:

— Como a casa foi construída, se ninguém me pediu dinheiro emprestado?

O industrial respondeu:

— Seu material de construção não foi comprado na minha indústria. É contrabando.

O economista disse:

— Não fui consultado sobre os preços da construção.

O político discursou:

— Minha gente, eu não usei minhas Medidas Provisórias.

O arquiteto contou que não recebeu nenhuma encomenda do projeto e o professor lamentou a falta de cultura do povo.

O padre apenas rezou:

— Santo Deus!

E o delegado, que tudo ouviu, apenas ordenou aos soldados:

— Prendam imediatamente a pessoa que desobedeceu à lei.

O grito do delegado fez a tristeza visitar a cara dos meninos. Então Maria, fada presa na Terra, falou com os olhos um segredo no pensamento de cada um deles.

Eles entenderam tão bem que o sorriso tomou conta do corpo inteiro deles, menos do ódio dos soldados. Mas a fada olhou para todos, na praça, de maneira tão desarmada que desarmou até os guardas.

Ela partiu rua acima, carregando um coração muito livre mais um policial de cada lado.

Maria, deixada numa cela com janela quadriculada, passou em revista o mundo. Um pensamento quadrado entrou pelas grades:

"O mundo pertence agora aos mágicos e só eles pensam poder modificá-lo."

A fada compreendeu por que era importante, para os mágicos, os meninos terem esperança. A esperança é uma coisa que sempre espera e nada faz.

Enquanto Maria pensava, os meninos dormiam e sonhavam verdades que só eles e a fada podem sonhar. Nem o barulho das máquinas derrubando a casa da praça incomodava o sono.

No outro dia, os meninos acordaram mais donos do segredo. Saíram cedo para os seus deveres, evitando passar pela praça. Não era mais preciso pensar a esperança nem ver a casa destruída.

Maria foi levada para a sala de interrogatório. Assentou-se diante do delegado e ouviu a seguinte sentença:

— Fada não é nome nem sobrenome. Entrou na cidade sem passaporte, sem carteira de identidade, sem carteira profissional, sem título de eleitor, sem cartão de crédito e CPF. Não tem endereço de residência nem CEP e diz ter como profissão realizar desejos. Não é filiada a nenhum sindicato e ensinou menino a ler e escrever sem técnica de professor. Construiu casa sem empréstimo, avalista e projeto, em lugar proibido. Falou mal da esperança. Contou segredo no coração dos meninos. Sorriu no momento da prisão, desrespeitando as autoridades. Com certeza não foi informada de que vivemos em uma democracia. Por tudo, Maria do Céu é culpada e permanecerá presa até que se prove o contrário.

A fada não entendeu nada. Era a primeira vez que escutava um adulto. Apenas pensou: "São mágicos e ainda falam uma outra língua".

Maria, idéia condenada, usou, naquela noite, os seus poderes de fada. Virou vagalume. Passou pelas grades e sobrevoou a cidade. Visitou cada menino e entrou em seu sonho. Viu que todos sonhavam com cidades onde a fantasia era possível e

necessária. Cidades onde as fadas moravam sem causar medo. Lugares onde a esperança não durava mais que meio-dia. Cidades sem mágicos e magias, mas cheias de encantamentos.

O sonho dos meninos alegrou a fada-madrinha, que naquela madrugada partiu para outra parte do mundo. Se exilou, talvez, em outras terras.

O certo é que Maria do Céu passou pela Terra em forma de fada e vestida de anjo, mas só alguns viram. Passou breve, deixando com os meninos uma idéia que trouxe do azul. Chegou como um arco-íris, sem aviso.

Desde a manhã do dia seguinte até hoje, todos da cidade procuram a fada. Alguns acreditam que ela trocou de nome, vestiu-se com outros panos e vive na cidade. Outros afirmam que ela virou professora e ensina às crianças como se defender dos mágicos.

Mas as crianças, que sabem do segredo, reparam na procura dos adultos e sorriem. Quando alguém, impaciente e ameaçado com o desaparecimento da fada, pergunta a um menino qual é o segredo que ela soprou, ele responde:

— Amanhã eu falo. Amanhã eu falo.

Eu penso que Maria do Céu poderá voltar a qualquer momento, sem aviso, e que só os mais atentos a verão. Mas os meninos não confirmam a minha idéia.

Bartolomeu Campos Queirós

Nascido em Pará de Minas, Minas Gerais, em 1944, Bartolomeu Campos Queirós é autor de vários livros para crianças, de peças teatrais e textos sobre arte-educação. Sua obra — geralmente prosa poética — lhe valeu diversos prêmios. Bem-humorado apreciador do silêncio sobre todas as coisas, Bartolomeu costuma dizer: "Sou frágil o suficiente para uma palavra me machucar, como sou forte o bastante para uma palavra me ressuscitar".

Tampinha

Angela Lago

Era uma vez uma menina tão pequena que, cada vez que espirravam por perto, ela voava. Seu nome era Tampinha. Ela usava uma tampinha de garrafa na cabeça para ficar mais pesada e aterrissar mais depressa quando voava.

Tampinha vivia com sua avó numa casa à margem do Rio do Mato Perdido. Essa avó era quem cuidava dos doentes da região. Ela sabia o chá certo para tudo, menos para a pequenez da menina.

Perto morava um rapaz... que eu esqueci o nome. Era um rapaz muito simpático e, para facilitar esta história, vou chamá-lo de Bonito.

Um dia Bonito ficou doente.

— Para salvar o Bonito só um chá da flor preta da árvore do Curupira — disse a avó.

— Mas onde vou arranjar alguém com coragem para buscar essa flor!

Na hora Tampinha respondeu:

— Eu vou.

— Imagina! Logo você, desse tamanhico!

Que tamanhico que nada! A menina entestou que iria de qualquer jeito e danou a falar que ia, porque ia, até a avó ficar desesperada:

— Então vai.

Mas, antes de a menina ir embora, a avó apanhou uma pimenta-malagueta bem forte.

Amarrou a pimenta no pescoço de Tampinha e lhe ensinou umas palavras mágicas para ela falar nas horas de perigo.

E lá foi ela no seu barquinho de papel, com uma agulha servindo de espada, uma colherzinha de café como remo e a pimenta dependurada no pescoço.

Enquanto ela remava, ia recitando as palavras mágicas. Tinha medo de esquecer alguma na hora do perigo:

Pimentum, pimentom, pimentém,

pimentim;

peixe quer água, eu quero atchim.
Pimentur, pimentor, pimenter, pimentir;
e quero voltar de onde eu quero ir.

Pois muito bem. De repente Tampinha deu de cara com Cobra Grande cantando:

Você tem avó, eu tenho um tio.
Venha comigo pro fundo do rio.
Você tem agulha, eu tenho um fio.
Venha calada sem dar nem um pio.

As palavras mágicas sumiram da cabeça da menina. Com muito custo, saiu, num fiapinho de voz:

— Pimentim, eu quero atchim...

A Cobra Grande se curvou para escutá-la, sentiu o cheiro forte da pimenta, teve uma coceira no nariz e acabou espirrando:

— A... A... Atchim!

Era o que era preciso. Lá se foi nossa heroína voando pelos ares.

Mas, como ela não tinha se lembrado de todas as palavras, a mágica funcionou um pouco errada, e ela aterrissou justo na praia da Onça-Pintada.

A Onça-Pintada viu aquela menina apetitosa, lambeu o beiço e veio andando com suas patas macias.

Tampinha ficou branca de medo e nada de lembrar os versos mágicos. Ela só conseguiu enrolar a língua de qualquer jeito:

— Pimentrim... primentrum...

A Onça espichou o ouvido para tentar entender e aí sentiu aquele cheiro desgraçado de pimenta. Seu nariz danou a coçar e veio o espirro:

— A... A... A... A... Atchim!

Tampinha voou pelos ares.

Mas, como ela tinha se atrapalhado com as palavras, a mágica também ficou meio atrapalhada. Ela logo caiu, como uma geringonça qualquer; por pouco não

quebra a perna. De qualquer forma já estava livre da Onça. Na sua frente o que via era uma árvore enorme.

— Céus! A árvore do Curupira! Será que o Curupira...

Tampinha olhou para todos os lados:

— Que sorte! Parece que o Curupira não está por perto! A árvore era belíssima, sem nenhum exagero; alta, imensa. E lá, no último galho, estava a flor preta. O problema era que Tampinha não dava conta de subir nem no primeiro galho! Ela, então, sentou-se num canto, sem saber o que fazer.

Come esta frutinha
e cresça bonitinha.

A árvore farfalhou e deixou cair um fruto.

Tampinha provou, mas achou a fruta muito doce e não terminou de comer. Seus braços cresceram, mas o resto continuou do mesmo tamanho.

Ô filhote louco,
come mais um pouco.

A árvore farfalhou de novo e deixou cair mais um fruto.

Na segunda dentada, Tampinha jogou o fruto longe. Estava muito amargo. Pois muito bem: dessa vez, só suas pernas cresceram. Ela ficou horrível com as pernas e os braços compridos e o resto todo do mesmo tamanho.

Come de uma vez!
Um... dois... três!

Era a árvore jogando mais um fruto. Dessa vez Tampinha comeu tudo.

Quando terminou, estava moça feita. Alta, como qualquer moça, se vocês me acreditam. E o melhor: deu conta de apanhar a flor.

Mas, justo no momento em que ela estava apanhando a flor, alguém apareceu entre as folhas dos galhos... Era o Curupira!

— Com que direito você entrou no meu mato, subiu na minha árvore, apanhou a minha flor?!?

Tampinha ficou branca de novo, e tratou de recitar:

Peixe quer água, eu quero atchim.
Me esperam de volta, de onde eu vim.

Curupira se curvou para ouvir melhor a moça e sentiu o cheiro da pimenta. Seu nariz desandou a coçar e aconteceu o maior espirro que já houve no mundo.

ATCHIM!!!
E mais outro:
ATCHIM!!!
E mais outro:
ATCHIM!!!

A nossa moça, mesmo grande como estava, voou pelos ares, acima das árvores, sobre o rio...

Aterrissou direto na casa do moço Bonito. O chá foi feito imediatamente. Bem, o final vocês já sabem, a avó ficou feliz de ver a neta grande, Bonito sarou e...

— Vocês têm alguma coisa contra casamento?

Angela Lago

Nascida em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1945, Angela Lago dedica-se desde 1980 a escrever e ilustrar livros para crianças. Já recebeu importantes prêmios nacionais e internacionais. Além de ilustrar seus próprios livros, ilustra, eventualmente, textos de outros autores. Sobre si mesma ela disse: "Só sei que quero continuar contando histórias. E quero contar de uma maneira cada vez mais simples e despretensiosa. Do jeito que as tias contam, com um dos sobrinhos-netos no colo."

Mamãe trouxe um lobo para casa!

Rosa Amanda Strausz

Acredite quem quiser. Mas foi isso mesmo o que aconteceu. Mamãe trouxe um lobo para casa.

O lobo chegou num belo dia de sol. Eu tinha acabado de chegar da escola. Como faço todo dia, joguei a mochila no sofá e chamei:

— Mamãe!

Mas em vez de escutar a voz tranqüila de minha mãe, ouvi um grunhido baixinho. Assim:

— Humpff, humpfff.

Gritei de novo, e desta vez bem alto:

— Manhêêê!!!!!!

Só aí ela apareceu.

— Mãe, tem um monstro aqui em casa. Ele fez humpff para mim.

— Que bobagem, filho. Monstros não existem.

— Mas este existe e fez humpf para mim — repeti, com os olhos arregalados.

Neste momento, vi o lobo. Estava deitado debaixo da mesa da cozinha, comendo um bife e lambendo os beiços.

— Olhe ali — berrei para mamãe, apontando para o lobo.

De um salto, escalei a cadeira e subi em cima da pia. Mas minha mãe nem ligou:

— Ah, este é o Levi. Ele não é um monstro, é só um lobo — ela explicou, como se fosse a coisa mais natural do mundo. E, para completar meu espanto, disse: — Ele chegou hoje de tarde e vai ficar aqui com a gente.

Minha mãe devia ter ficado doida. Que idéia, trazer um lobo para casa!

— Lobos são muito perigosos, eles são maus — eu disse para ela.

— O Levi é muito legal — ela disse, enquanto começava a fazer meu jantar.

— Eles comem porquinhos — eu falei, lembrando da história dos três

porquinhos e do lobo mau.

— Nós não somos porquinhos — ela sorriu.

— Também comem meninas e vovozinhas — eu disse, lembrando da história do Chapeuzinho Vermelho.

— Nós não somos nem porquinhos, nem meninas, nem vovozinhas. E, além disso, o Levi só gosta de bife com batata frita — ela disse, tentando encerrar o assunto.

Mas eu não ia ceder tão facilmente. Engrossei a voz e falei bem alto:

— Eu não quero esse lobo aqui em casa de jeito nenhum!

Minha mãe olhou para mim muito séria, com ar de quem ia me dar a maior bronca do mundo. Pelo jeito dela, vi que não adiantava reclamar.

Dei uma espiada para baixo da mesa.

Levi era um lobo grande, peludo, com patas enormes, unhas compridas e dentes afiados.

De repente, ele se espreguiçou, levantou e foi andando devagarinho na direção da minha mãe. Comecei a gritar:

— Mãe, cuidado! Ele vai te comer!

Mas nada disso aconteceu. Ele chegou bem perto dela e esfregou o focinho no seu avental, como se pedisse carinho. Ela se abaixou, deu um abraço nele e depois voltou a se ocupar com a minha comida. Ele sentou no chão, do lado dela, e olhou para mim, com seus enormes olhos vermelhos.

Pensei:

— Céus! É a mim que ele quer comer!

Dei um pulo e saí correndo para meu quarto. Tranquei a porta, me enfiei na cama e fechei bem os olhos.

Eu devia estar sonhando. Aquilo não podia ser verdade. Com certeza, na manhã seguinte, não teria nenhum lobo na cozinha.

É, aquilo tudo só podia ser um sonho ruim.

A manhã seguinte era sábado, dia de meu pai vir me buscar para passear.

Corri para a cozinha assim que acordei. Minha mãe estava preparando o meu leite, viva e inteira, como todos os dias.

Fiquei aliviado. Claro que tudo aquilo tinha sido um sonho. Respirei fundo,

tomei coragem e olhei debaixo da mesa.

Mas lá estava ele, enorme, peludo e bocejando: Levi, nosso lobo de estimação.

É bem verdade que ele não tinha devorado minha mãe, nem tentado me atacar. Mas, mesmo assim, eu não gostava nem um pingo dele.

Durante o café, não tive tempo para ficar emburrado porque logo escutei a campainha tocando. Era meu pai.

Corri para a porta. Para minha surpresa, Levi veio atrás de mim, fazendo humpf.

Fiquei gelado de medo. Aquele bicho ia atacar meu pai!

A campainha tocou novamente. Minha mãe gritou, lá de dentro:

— Abra a porta, meu filho. Deve ser seu pai.

Mas cadê coragem?

A campainha tocou de novo e escutei também umas batidas na porta. Meu pai chamava do lado de fora:

— Abra logo, seu preguiçoso. Está um dia lindo. Vamos pescar!

Finalmente, eu gritei, com a boca na fechadura:

— Não posso abrir. Tem um lobo aqui e ele está querendo atacar você.

Escutei novamente a voz do meu pai, desta vez divertida:

— Se o lobo me atacar, eu dou um tiro nele com a minha superespingarda a “laser”.

Como é que eu não tinha pensado nisso antes? Meu pai é um homem forte e poderoso, não tem medo de nada. Ele poderia se defender e ainda por cima salvar minha mãe e eu das garras daquele bicho.

Encarei Levi e abri a porta, pronto para assistir a uma luta espetacular, em que meu pai sairia vencedor.

Mas não foi nada disso que aconteceu.

Meu pai olhou para o lobo. O lobo olhou para meu pai. Os dois ficaram com cara de bobos.

— Ué, mas tinha mesmo um lobo aqui — meu pai disse, meio sem graça.

— Humpf... — Levi respondeu.

Ele não atacou meu pai. E meu pai não deu um tiro nele. Virou-se para mim

e disse:

— Vamos logo, filho, vamos pescar.

Quando voltei, no domingo, mamãe e Levi estavam assistindo televisão na sala.

Ele não tinha me comido, nem devorado meu pai, nem matado minha mãe.

Mas também não desgrudava dela! Se minha mãe fosse para a cozinha, Levi ia atrás. Quando ela estava vendo televisão, ele ficava junto...

Podia até não ser mau, aquele lobo.

Mas era um chato!

Normalmente, segunda-feira era um dia complicado lá em casa. Cleide, a faxineira, nunca chegava cedo, mamãe precisava sair para trabalhar e não tinha com quem me deixar.

Ela sempre acabava pedindo ajuda à nossa vizinha, uma mulher chatíssima que tentava se passar por boazinha.

Nossa vizinha abria a porta e dizia:

— Ora, como vai o nosso lindo bebê! Pode deixar que eu cuido dele.

E me torrava a paciência a manhã inteira, me tratando como se eu fosse um bebezinho.

Eu não suportava aquela mulher!

Mas aquela segunda-feira foi diferente. Quando viu que a Cleide não ia chegar a tempo, mamãe disse:

— Não posso mais esperar. Já vou andando.

— Eu não quero ficar com aquela chata! — disse eu, como fazia toda segunda-feira.

E mamãe falou:

— Você não vai ficar com ela. Vai ficar com o Levi.

Meu coração disparou. Mamãe devia ter ficado maluca! Me deixar com um lobo!

— Ah, não! De jeito nenhum... — eu comecei a dizer.

Mas mamãe já estava me dando seu beijo de “tchau” e saindo pela porta.

Ficamos sozinhos, eu e Levi.

Pensei que ele fosse grudar no meu pé, como fazia com minha mãe. Mas

Levi se sentou na sala e ficou ali, quietinho como se fosse um gato preguiçoso.

Fui até a cozinha, peguei água, voltei, liguei a televisão, desliguei, peguei meus carrinhos, brinquei um pouco, cansei de brincar...

E Levi continuava ali, quieto no seu canto.

Finalmente, sentei na poltrona e suspirei.

— Isso aqui está muito chato — eu disse, com raiva.

— Humpff. Também acho — disse Levi, bocejando.

Que susto! Ele falava! Um lobo que fala é mais interessante do que um lobo que só faz humpff. Então ele continuou, com uma voz rouca:

— Bem que a gente podia brincar de alguma coisa...

Fiquei desconfiado. Mas aproveitei que ele falava para perguntar:

— Você não vai me comer?

Levi começou a rir e eu levei mais um susto. Nunca vira um lobo rindo. Mas ele me garantiu que não ia comer ninguém. Só queria brincar um pouco.

Mas era difícil brincar com um lobo. Com suas patas enormes, era impossível fazer jogos de montar. Ele era grande demais para brincar de esconder, não cabia em lugar nenhum. Seus dentes afiados estourariam até mesmo minha bola de couro.

De que poderíamos brincar?

— Que tal fazer cavalinho? — sugeriu Levi.

Achei a idéia genial.

Subi em suas costas, que eram tão altas que meus pés ficavam balançando, sem encostar no chão. Agarrei os pêlos do seu pescoço como se fossem rédeas, bati com os calcanhares em sua barriga e gritei:

— Atacar o inimigo!

— Quem é o inimigo? — Levi perguntou.

Nem precisei pensar duas vezes. A vizinha chata, é lógico!

Saímos em disparada pela casa, abrimos a porta, corremos até o fundo do corredor do edifício e paramos na porta da vizinha.

Antes que eu tocasse a campainha, Levi deu um grunhido tão pavoroso que até eu fiquei assustado.

Logo escutamos uma voz melosa perguntando:

— Quem está aí?

— Sou eu — respondi com a voz mais bem-comportada que consegui fazer.

— Ora, mas é o meu pomponzinho fofo, meu lindo bebê bilu-bilu — disse a chata, abrindo a porta.

Quando ela deu de cara comigo montado sobre aquele lobo enorme, deu um berro e desmaiou.

Eu e Levi voltamos para casa às gargalhadas. Eu estava começando a gostar daquela brincadeira.

Lembrei de todas as pessoas em quem gostaria de pregar um bom susto: o menino do 206, que sempre me batia, o filho do jornaleiro, que vivia me chamando de mulherzinha.

Talvez fosse mesmo bom ter um lobo em casa...

Quando minha mãe chegou para o almoço, a casa estava uma bagunça medonha. Levi era muito desajeitado e enquanto corríamos tínhamos derrubado quase tudo pelo chão: almofadas do sofá, abajur, antena de televisão, fitas de vídeo...

Antes que ela pudesse começar a reclamar, tocou a campainha. Era nossa vizinha, em pânico, dizendo que eu tinha sido comido por um lobo terrível.

Foi um custo mamãe acalmar a vizinha, mentindo que não tinha lobo nenhum lá em casa e me mostrando bem vivo e contente.

— Viu só? Ele está aqui, inteirinho. Você deve ter sonhado — disse mamãe, sem graça.

— Mas eu nem estava dormindo... — disse a vizinha.

A partir desse dia, as coisas mudaram muito lá em casa.

Sabe a história do sapo que ganha um beijo da princesa e vira príncipe?

Foi mais ou menos o que aconteceu. Só que eu não sou princesa, Levi não é sapo, eu não dei beijo em ninguém e ele não virou príncipe.

Mas a cada vez que a gente brincava, ele ficava mais parecido com um amigo de verdade.

Primeiro começou a falar, depois a rir, uns dias depois aprendeu a jogar bola, a andar sobre os dois pés, a fazer jogos de armar; começou a usar roupa de gente e a comer com garfo e faca.

Mesmo parecido com gente, Levi é um lobo.

Às vezes, ainda tenho medo dele, como quando ele se zanga.

Outras vezes, acho que ele é um lobo bobo e chato, como quando fica grudado na minha mãe ou come meu bife.

Mas na maior parte das vezes, nos damos bem.

Ele está mesmo ficando a cada dia mais parecido com um homem.

Em compensação, aprendi a dar grunhidos terríveis, a uivar para a lua e estou ficando cada vez mais forte.

Se continuar assim, acho que vou acabar virando um lobinho...

Rosa Amanda Strausz

A jornalista Rosa Amanda

Strausz nasceu no Rio de Janeiro, em 1959. Estreou na literatura com o livro “Mínimo múltiplo comum”, com o qual recebeu o Prêmio Jabuti de 1991.

Rosa Amanda Strausz criou o primeiro portal de literatura infantil brasileira — “Doce de Letra”.

Pipi

Artur Azevedo

A cena passa-se num hotel de Caxambu.

A sineta do almoço acaba de retinir pela segunda vez.

A mesa redonda está posta, à espera dos hóspedes.

O primeiro que aparece é um homem de meia-idade, barbeado de fresco, ressumbrando saúde e bom humor. Senta-se, desdobra o guardanapo, prende-o entre o colete e a camisa, deita a luneta, lê com atenção a lista dos pratos, guarda a luneta, põe a lista de parte, e esfrega rapidamente as mãos uma na outra, evidente sinal de que o menu não lhe desagrada.

A pouco e pouco vêm vindo os demais hóspedes — senhoras e cavalheiros.

À cabeceira senta-se um sujeito velho, de óculos, muito sério, com muita barba e a barba muito branca.

Trocam-se cumprimentos.

Conversa-se. Conversa-se muito. Fala-se de política. Repetem-se boatos.

Afinal, chega o primeiro prato.

O homem de meia-idade respira.

Começa o almoço.

Nisso, aparece uma senhora muito distinta, muito elegante, muito bem vestida, trazendo pela mão uma linda menina de três anos. Ninguém a conhece. É uma hóspede nova. Vem à mesa pela primeira vez.

Todos a encaram silenciosamente e se interrogam uns aos outros com os olhos. Curiosidade geral.

A recém-chegada cumprimenta os circunstantes com um ligeiro movimento de cabeça e — um tanto "encafifiada" — procura lugar para sentar-se à mesa.

O velho de óculos fulmina-a com um olhar de inquisidor-mor.

O criado afasta uma cadeira e oferece-lhe lugar. Depois, vai buscar uma cadeira de criança e, suspendendo a menina, fá-la sentar-se ao lado da senhora.

Os comensais, um momento distraídos pela inesperada presença da desconhecida, entregam-se afoitamente ao trabalho da mastigação.

Ninguém fala. Só se ouve o bater das mandíbulas, o estalar das línguas e a bulha dos talheres.

De repente, a menina de três anos corta o silêncio com estas palavras:

— Mamãe, eu téio fazê pipi.

Todos riem, à exceção do velho de óculos, que franze os sobrolhos e murmura algumas palavras ininteligíveis.

A desconhecida cora até as raízes do cabelo. Entretanto, ergue-se, agarra na pequena, e entra com ela no quarto.

Fazem-se rápidos comentários. Continua o almoço.

Minutos depois, a senhora volta, trazendo a filhinha pela mão.

Tomam ambas os seus lugares.

A menina deixa passar alguns segundos e diz, passeando os olhinhos por

toda a mesa:

— Eu zá fiz pipi.

E, depois de uma ligeira pausa, acrescenta muito séria:

— E mamãe também fez.

Artur Azevedo

Nascido em São Luís, no Maranhão, Artur Azevedo (1855-1908) foi jornalista e autor, cultivando todos os gêneros de sua época: a burleta, a comédia, a paródia e a revista. Figurou entre os fundadores da Academia Brasileira de Letras. Sua obra fica entre o bem-humorado e o galante, o satírico e o pitoresco.

Minhas férias, pula uma linha, parágrafo.

Christiane Gribel

Um

O primeiro dia de aula é o dia que eu mais gosto em segundo lugar. O que eu mais gosto em primeiro é o último, porque no dia seguinte chegam as férias.

Os dois são os melhores dias na escola porque a gente nem tem aula. No primeiro dia não dá para ter aula porque o nosso corpo está na escola, mas a nossa cabeça ainda está nas férias. E no último, também não dá para ter aula porque o nosso corpo está na escola, mas a nossa cabeça já está nas férias.

Era o primeiro dia e era para ser a aula de português mas não era porque todo mundo estava contando das férias. E como todo mundo queria contar mais do que ouvir, o barulho na classe estava mesmo ensurdecedor. O que explica o fato de ninguém ter escutado a professora gritando para a gente parar de gritar. Todo mundo estava bem surdo mesmo. Mas quando ela bateu com os livros em cima da mesa a

nossa surdez passou e todo mundo olhou para ela.

Ela estava em pé, na frente do quadro-negro e ficou em silêncio, com uma cara bem brava, olhando para a gente.

Quando um professor está em silêncio com uma cara bem brava olhando para você, é melhor também ficar em silêncio com uma cara de sem graça olhando para um ponto qualquer que não seja a cara brava do professor.

A professora puxou a cadeira dela e se sentou.

Atrás dela, no quadro-negro, eu vi decretado o fim das nossas férias e o fim do nosso primeiro dia de aula sem aula. Estava escrito:

Redação: escrever trinta linhas sobre as férias.

Eu sabia que as férias de ninguém iam ser mais as mesmas na hora que virassem redação. É simples: férias é legal, redação é chato. Quando a gente transforma as nossas férias numa redação, elas não são mais as nossas férias, são a nossa redação. Perdem toda a graça.

Todo mundo tirou o caderno de dentro da mochila. Menos eu.

Eu fiquei olhando para aquela frase no quadro enquanto os zíperes e velcros das mochilas eram os únicos barulhos na sala. De repente as nossas férias ficaram silenciosas. Onde já se viu férias sem barulho?

E, além do mais, eu tenho certeza de que a professora nem quer saber de verdade como foram as nossas férias. Ela quer só saber como é a nossa letra e se a gente tem jeito para escrever redação. Aqueles dois meses inteirinhos de despreocupações estavam prestes a virar trinta linhas de preocupações com acentos, vírgulas, parágrafos e ainda por cima com a letra ilegível depois de tanto tempo sem treino.

Dois

A turma inteira já estava escrevendo quando eu percebi que a professora estava só olhando para mim.

Quando um professor fica parado só olhando para você é porque você tinha

que estar fazendo outra coisa que não era o que você estava fazendo.

A outra coisa que eu tinha que estar fazendo era a minha redação. Então eu puxei a minha mochila e peguei o caderno. É claro que a minha mochila tem o fecho de velcro e que todo mundo olhou para mim quando eu abri. Só a professora é que não olhou de novo porque ela já estava olhando antes mesmo.

Peguei a caneta. Eu nem sabia mais segurar direito a caneta. Escrevi:

"Minhas Férias"

Mas a letra ficou péssima e eu resolvi arrancar a folha para começar bem o meu caderno. E todo mundo olhou de novo para mim, até a professora que já tinha parado de me olhar.

Troquei a caneta por um lápis, porque se a letra ficasse horrível era só apagar em vez de ter que arrancar outra folha.

Coloquei as minhas férias lá no alto e bem no meio da página. Pulei uma linha. Parágrafo.

"Minhas Férias"

Outro problema de transformar as nossas férias em redação é fazer os dois meses caberem nas tais trinta linhas.

Porque se a gente fosse contar mesmo tudo o que aconteceu, as trinta linhas iam servir só para um dia de férias e olhe lá.

E aí você olha para o seu relógio e descobre que as trinta linhas, que pareciam poucas para contar todas as suas férias, viram muitas porque você só tem mais 15 minutos de aula para fazer a redação.

Começar as férias é a coisa mais fácil do mundo. Em compensação, começar uma redação sobre as férias é tão difícil quanto começar as aulas.

Fiquei me lembrando como é que eu tinha começado as minhas férias de verdade. Assim eu podia começar a redação do mesmo jeito. Mas eu comecei as minhas férias de verdade arrumando a mala para ir para a casa do meu avô. E agora só faltavam 12 minutos para terminar a aula. E em 12 minutos eu não ia conseguir

arrumar a mala. Pelo menos não do jeito que a minha mãe gosta que eu arrume. Então decidi começar as férias da minha redação direto da casa do meu avô.

“Minhas Férias”

Eu sempre adoro as minhas férias na casa do meu avô. Principalmente porque não tem aula.

Não. Talvez esse seja um começo de redação muito pesado para o começo das aulas.

Apaguei a segunda frase.

“Minhas Férias”

Eu sempre adoro as minhas férias na casa do meu avô.

Lá tem um campinho de futebol bem legal e uma turma de amigos bem grande.

Isso é perfeito porque um campinho sem uma turma grande não serve para nada. E uma turma grande sem campinho não cabe em lugar nenhum que não seja um campinho. A gente passa o dia todo jogando futebol e só para de jogar quando já está escuro e não dá mais para ver a bola. Então já é hora de jantar.

Depois do jantar, os meus melhores amigos da turma vão para a casa do meu avô e a gente pode continuar jogando, só que futebol de botão que não dá indigestão. Aí, a gente pode jogar até tarde porque no dia seguinte não tem aula. É por isso que férias é bom.

Achei que desse jeito a minha observação a respeito das aulas ficava mais sutil. Continuei.

Teve um dia que eu fiz um golaço. Não no futebol de botão, no de verdade.

O gol veio de um pase de craque do Paulinho que é o meu melhor amigo entre os meus melhores amigos da turma. Você sabe que para jogar futebol não adianta só ser bom de bola. Tem que ter tatica.

O Paulinho driblou um, dois e eu vi que ele ia passar pelo terceiro. Ele também me viu. Aí eu me enfiei pela esquerda e recebi a bola. Chutei direto. Eu fiz um golaço tão grande que até furou a rede e estilhaçou em mil pedaços a janela do vizinho.

Deu a maior confusão porque enquanto a turma pulava o vizinho apareceu bravo com abola em baixo do braço e a mulher dele veio atrás. Eu tive até que parar com a minha comemorassão. Mas a mulher do vizinho que veio atrás dele falou para ele que criança é assim mesmo e que a gente estava só se divertindo e que ninguém fez aquilo de propósito. E era verdade mesmo porque a culpa não foi nossa da rede ter furado. E aí acabou ficando tudo bem. O meu vizinho devolveu a bola, verificou a rede e disse que o meu gol foi mesmo um golaço mas que era para a gente tomar mais cuidado com as janelas das casas ao lado.

O sinal tocou bem nessa hora. Eu nem contei quantas linhas eu tinha escrito porque não ia dar tempo de mudar nada mesmo.

Arranquei a folha e dei as minhas férias para a professora.

Três

Depois da aula de português vinha aula dupla de educação física. A maior sorte que se pode ter num primeiro dia de aula é ter aula dupla de educação física. Dá até para ficar contente de ter voltado para a escola. E dá até para acreditar quando a nossa mãe fala que essa é a melhor época da nossa vida, quando ela faz aquele discurso que toda mãe faz.

Discurso:

"Aproveita, meu filho. Essa é a melhor época da sua vida. Ir para a escola é uma delícia. Quando você crescer você vai se lembrar da escola e vai sentir uma saudade danada."

Minha mãe diz que é para aproveitar a escola porque depois que a gente cresce a gente fica cheio de problemas para resolver. Aí é que está. Eu ainda nem

cresci e já estou cheio de problemas. Só no ano passado eu tive que resolver 187. E não foi nem para mim. Foi para o professor de matemática.

Quatro

A semana passou bem rápido e quando a gente viu já era sexta-feira.

Ter chegado a sexta-feira era ótimo. Agora só faltavam mais dezenove semanas para as próximas férias. A única coisa ruim é que na sexta eu tinha aula dupla de português e a professora ia trazer as nossas redações de volta.

Quando a professora entrou na sala eu tinha acabado de puxar o elástico do sutiã da Mariana Guedes. Agora a moda das meninas era usar sutiã por baixo da camiseta. E a nossa moda era puxar o elástico para o sutiã estalar bem nas costas delas. Eu corri e a Mariana Guedes me jogou uma borracha bem na cara. Mas a professora foi olhar para a gente só na hora que eu joguei a borracha de volta. E aquela Mariana Guedes ainda abaixou e a borracha passou bem perto dos óculos da professora.

A professora ficou só me olhando de novo, igual no dia da redação, e então eu me sentei esperando uma daquelas broncas humilhantes no meio da classe. Mas a professora não falou nada.

Quando você apronta uma dessas e o professor não fala nada, não é porque o professor é um cara bem legal. É que o que vem pela frente é pior do que o pior que você imaginava.

O pior foi colocado bem em cima da minha mesa. As minhas férias, que tinham sido perfeitas para mim, não chegaram nem perto de terem sido boas para a professora. Elas voltaram cheias de defeitos. Faltou um esse no passe de craque do Paulinho, um acento na minha tática e a minha comemoração eu escrevi com tanta empolgação que acabou saindo com dois esses em vez de cê-cedilha.

E o pior do que eu imaginava foi o que ela fez com o meu golaço que estilhaçou em mil pedaços a janela do vizinho. Ela disse que "em mil pedaços" é um adjunto adverbial e que tinha que ficar entre vírgulas.

Eu olhei na Gramática e lá estava explicado que um adjunto adverbial é um termo acessório e a gente pode eliminar aquela parte da frase que ela continua a

fazer sentido. Eu queria ver a professora dizendo para o meu vizinho que aqueles mil pedacinhos da janela dele eram só um adjunto adverbial.

E tem mais uma coisa: eu estava de férias. Era muito mais importante marcar o gol do que as vírgulas, concorda?

E as minhas férias ficaram assim:

“Minhas Férias”

Eu sempre adoro as minhas férias na casa do meu avô.

Lá tem um campinho de futebol “bem” (muito) legal e uma turma de amigos “bem” grande.

(Por que não substituir um “bem” por um “muito”?)

Isso é perfeito porque um campinho sem uma turma grande não serve para nada. E uma turma grande sem campinho não cabe em lugar nenhum que não seja um campinho. A gente passa o dia todo jogando futebol e só pára de jogar quando já está escuro e “não dá mais para” (não se consegue mais) ver a bola. Então já é hora de jantar.

Depois do jantar, os meus melhores amigos da turma vão para a casa do meu avô e a gente pode continuar jogando, só que futebol de botão que não dá indigestão. Aí, a gente pode jogar até tarde porque no dia seguinte não tem aula. É por isso que “férias é bom”. (as férias são boas).

Teve um dia que eu fiz um golaço. (Um dia eu fiz um golaço.) Não no futebol de botão, no de verdade.

O gol veio de um pa”s”e (ss) de craque do Paulinho que é o meu melhor amigo (entre os meus melhores amigos) da turma. Você sabe que para jogar futebol não adianta só ser bom de bola. Tem que ter t”a”tica (á).

O Paulinho driblou um, dois e eu vi que ele ia passar pelo terceiro. Ele também me viu. Aí eu me enfiei pela esquerda e recebi a bola. (Eu me enfiei pela esquerda e recebi a bola.) Chutei direto. Eu fiz um golaço tão grande que até furou a rede e estilhaçou, “em mil pedaços”, (adjunto adverbial) a janela do vizinho.

Deu a maior confusão porque enquanto a turma pulava o vizinho apareceu bravo com abola (a bola) em baixo (embaixo) do braço e a mulher dele veio atrás. Eu

tive até que parar com a minha comemora”ss”ão (ç). Mas a mulher do vizinho que veio atrás dele falou (para ele) que criança é assim mesmo “e” que a gente estava só se divertindo e que ninguém fez aquilo de propósito. “E” era verdade mesmo porque a culpa não foi nossa da rede ter furado. “E” aí acabou ficando tudo bem (quanto “e”!). O meu vizinho devolveu a bola, verificou a rede e disse que o meu gol foi mesmo um golaço mas que era para a gente tomar mais cuidado com as janelas das casas ao lado.

A professora não fez nenhum outro comentário sobre o que eu tinha escrito. Para ela tanto fazia se o meu gol tinha sido um golaço ou um frango do goleiro. Eu fiquei bem chateado. Ela tinha acabado com as minhas férias. Isso significava que era a terceira vez que as minhas férias acabavam numa semana só. Não podia existir nada pior do que isso na vida de um garoto de 11 anos.

Mas existia.

Cinco

No final da aula a professora me chamou na mesa dela. Eu tinha que fazer de lição para segunda-feira a análise sintática da frase: "Eu fiz um golaço tão grande que até furou a rede e estilhaçou, em mil pedaços, a janela do vizinho".

Era o fim. As minhas férias já tinham virado redação e agora acabavam de virar lição de casa. E uma lição dificílima. Fazer análise sintática! Eu nem me lembrava mais o que era isso.

Do jeito que as coisas vão, quando chegarem as minhas próximas férias eu não vou saber se é para ficar feliz ou triste. Eu vou falar "ah, não, férias me lembram redação e lição de casa" e ninguém vai entender nada.

Então eu pensei que ainda bem que amanhã era sábado. Eu já comecei a me lembrar que a turma do prédio tinha marcado pólo aquático na piscina. Peguei a minha mochila e saí correndo para não perder o ônibus para casa. Não me lembro se a professora continuou na sala ou não. Eu só me lembro que eu fui o último a sair.

Seis

O fim de semana me fez esquecer da escola e da primeira semana de aula, o que foi bom. O único detalhe foi que eu também acabei esquecendo da lição de português. E na segunda de manhã eu tive que fazer tudo correndo quando cheguei na escola, antes de tocar o sinal.

Análise sintática já é uma coisa bem complicada quando você tem que fazer o exercício logo depois que a professora acabou de explicar como se faz. Imagina fazer depois das férias de verão quando você mudou da quinta para a sexta série mas nem se lembra como é que passou de ano.

Eu peguei o meu caderno e escrevi a minha frase.

Eu fiz um golaço tão grande que até furou a rede e estilhaçou, em mil pedaços, a janela do vizinho.

Depois eu fui escrevendo o que eu me lembrava que tinha que ter numa análise sintática.

sujeito:
predicado:
objeto direto:
objeto indireto:
partícula apassivadora:

Isso era tudo o que eu me lembrava. Então eu comecei a escrever do lado de cada coisa dessas uma análise sintática. Pus lá:

sujeito: O meu vizinho. Que é realmente um sujeito de meter medo apesar de eu achar que ele deve ser legal porque está casado há um tempão com a mulher dele que é bem legal.

predicado: O meu vizinho de novo. Isso, se a gente colocar no meio dessa palavra a sílaba JU e então a palavra vira prejudicado porque ele foi mesmo o grande prejudicado dessa história.

objeto direto: A bola. Nem precisa explicar por quê.

objeto indireto: Eu. Porque a janela quebrou em mil pedaços por causa do meu chute mas na verdade foi culpa da rede que furou.

partícula apassivadora: Essa era a mulher do meu vizinho que apassivou a briga e se você reparar como ela é pequena eu acho que partícula é o que ela é.

Pronto. Acabei a lição e o sinal nem tinha tocado ainda. Fechei o meu caderno. Depois eu abri de novo. Lembrei de mais uma coisa que tinha na análise sintática e escrevi:

adjunto adverbial: em mil pedaços.

No final da aula de português eu deixei a minha lição na mesa da professora e fui para a minha aula dupla de educação física.

Sete

Na minha aula dupla de português da sexta-feira, a professora me entregou a análise sintática. Eu tirei zero e tive que escrever toda essa história contando tudo isso que aconteceu para você. Ela me disse que você é que ia decidir o que fazer comigo, porque você é que é o Diretor dessa escola e ela não sabia que atitude tomar. Foi isso.

Assinado:
Guilherme Pontes Pereira
6ª série B — Manhã

No dia seguinte o Diretor me chamou na sala dele. Ele já tinha lido toda a história que eu escrevi e eu já estava pensando no que eu ia dizer para os meus pais quando ele me expulsasse da escola. Eu ia dizer:

— Mãe, pai, fui expulso da escola.

Eu entrei na sala do Diretor e me sentei na cadeira bem na frente dele. Quer

dizer, na frente mais ou menos, porque era uma daquelas cadeironas que a gente afunda dentro, então o porta-lápis, que ficava na mesa do diretor, tapava a cara dele até o nariz. Mas ele chegou o porta-lápis para o lado e eu consegui olhar para ele bem de frente. E ele disse:

— Guilherme, eu fiquei muito impressionado com a história que você escreveu. Você precisa fazer mais redações.

Então ele me mandou de volta para a sala de aula.

Eu fiquei pensando muito nisso tudo porque no começo eu não estava entendendo nada. Mas depois eu descobri por que escolheram aquele cara para ser o Diretor. Ele é bem inteligente. Fazer mais redações era mesmo um castigo muito pior do que ser expulso da escola.

Christiane Gribel

Nascida no Rio de Janeiro em 1968, Christiane Araújo Gribel vive atualmente em São Paulo. Escritora e publicitária, recebeu o Prêmio Jabuti de “Autora Revelação” em 1998.

Um apólogo

Machado de Assis

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa nesse mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Por que lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem

cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa. Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose?

Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu.

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante puxando por você, obedecendo ao que faço — e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto.

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora Linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o “plic-

plic-plic-plic” da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora, agora diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá?

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: — Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Machado de Assis

Nascido no Rio de Janeiro, Machado de Assis (1839-1908) é considerado o mais importante contista do século XIX. Trabalhou na Imprensa Nacional como aprendiz de tipógrafo. Foi revisor e escreveu para jornais e revistas cariocas (contos, crônicas e críticas), mantendo essa atividade até o final da vida. Com a publicação de “Memórias póstumas de Brás Cubas”, marcou-se o início da fase mais realista de sua obra.

É proibido miar

Pedro Bandeira

Filharadas e cachorradas

Quando nasce filho, todo mundo fica alegre.

Quando você nasceu — faz um tempão, não é mesmo? —, foi uma alegria de dar gosto.

Eu sei que você não lembra. Afinal, você era muito pequeno naquele tempo e estava mais preocupado com a hora da mamadeira. Mas pode acreditar: todo mundo ficou muito, muito satisfeito.

Com os bichos é a mesma coisa. Veja o caso de Dona Bingona, por exemplo.

Dona Bingona era uma linda cachorra vira-lata que andava muito orgulhosa da sua enorme barriga. Ela estava esperando cachorrinhos, e esperou, e esperou, até que nasceu uma porção.

Um, dois, três... sei lá. Não dava pra contar direito, porque os cachorrinhos nunca ficavam quietos. A gente nunca sabia se já tinha contado aquele ali que corria atrás do irmãozinho, ou aquele outro que rolava que nem bola.

Era tanto cachorrinho que as tetinhas da Dona Bingona nem eram suficientes para todos mamarem. Tinham que mamar em turnos, e, enquanto alguns mamavam, sempre sobravam outros que ficavam puxando o rabo de algum irmãozinho para ele andar logo.

"Ora, mas tem um jeito muito fácil de descobrir quantos cachorrinhos tinham nascido", diria você. "Era só contar as tetinhas da Dona Bingona e depois contar quantos cachorrinhos sobravam na hora da mamada. Aí, era só somar o número das tetinhas ocupadas com o número dos cachorrinhos sobrantes e pronto!"

A sua idéia foi ótima, concordo. Mas você também há de concordar que não pegava bem essa intimidade de ficar contando as tetinhas da Dona Bingona, uma vira-lata de respeito, não acha?

Seu Bingão, o pai, também era um vira-lata de respeito. Filho, neto, bisneto e "transaneto" de vira-latas de respeito, Seu Bingão estava muito orgulhoso com a filharada. Era uma cachorrada alegre, brincalhona, que logo fez a alegria das crianças do bairro.

De todos os irmãos, o mais sapeca era Bingo.

Eta cachorrinho danado!

Bingo era alegre, era brincalhão, era curioso como ele só.

Vivia correndo por todos os cantos, metendo o focinho onde não era chamado.

"O que será que tem lá em cima?", pensava o cachorrinho olhando para a mesa da sala.

Era pensar e agir. Lá ia o Bingo e puxava a toalha com os dentes.

Desastre!

Cataprum, cataprás! Vinha tudo pra baixo, tigela, prato, salada, copo, jarra e feijão.

Assustado com o barulho, Bingo se escondia um pouco debaixo da mãe, mas logo esquecia o susto e ia reinar mais adiante.

Uma hora era xixi no tapete, outra hora era vaso quebrado.

— Quem sujou a colcha branca que eu acabei de lavar?

— Foi o Bingo, não vê? Não vê as pegadinhas de barro?

— Eta cachorrinho danado!

Mas com o Bingo, acredite, ninguém conseguia ralhar. Era só chegar perto dele que lá vinha o cachorrinho, rabo em pé, abanando, lingüinha de fora, pronto para brincar, carinhoso como ele só. Teve até uma vez em que ele se pôs a lamber a televisão, pois havia simpatizado com a atriz da novela.

É claro que Dona Bingona procurava dar a melhor educação para os seus filhotes, e insistia para que o Bingo só fizesse xixi no caixotinho cheio de areia que

havia num canto. Mas como, se o Bingo virava o caixotinho e espalhava toda a areia?

Outro tormento era quando enceravam a casa. Quem conseguia impedir o Bingo de vir correndo e escorregar gostosamente até a parede do outro lado?

Certa vez, o dono da casa ficou quase louco: onde estava o pé esquerdo do seu sapato de ir a casamentos? Pois o sapato, cheio de marcas de dentinhos, foi encontrado no meio da horta, entre as couves e as chicórias.

E a horta, então? Volta e meia, lá ia o Bingo cavoucar por todo lado, desenterrar cenouras e rabanetes, atrás de alguma minhoca teimosa que teimava em se esconder do nariz cheirador do Bingo.

Assim era o Bingo. Um cachorrinho levado como ele só. Mas quem não gostaria de ter um Bingo assim?

Cachorros ao ar livre

Seu Bingão, Dona Bingona e a cachorradinha moravam num galpão muito confortável, no canto de um belo quintal, nos fundos de uma casa bem grande.

De vez em quando, os portões da casa se abriam para o passeio dos cachorros.

A primeira vez que os cachorrinhos foram passear com os pais foi uma verdadeira festa.

A dona da casa escovou todos os filhotes e amarrou fitas cor-de-rosa no pescoço das cachorrinhas e fitas azuis no pescoço dos cachorrinhos.

Assim, devidamente preparados, aconteceu o primeiro passeio e começaram os problemas da família do Seu Bingão.

Logo que se viram livres, com toda a calçada, com todos os postes e todas as árvores à disposição, os cachorrinhos saíram correndo para explorar as novidades.

Atrás, orgulhosamente, iam os pais, imaginando a inveja de todos os cachorros da vizinhança, principalmente do Fritz, aquele pastor alemão antipático do 102. Cachorro metido a gente!

Dona Bingona imaginava a cara da Frida, aquela pastora alemã magrela. Ah, Dona Bingona duvidava que outra cadela pudesse ter uma ninhada de filhotes tão

lindos!

Os cachorrinhos nunca tinham visto automóveis e saíram atrás do primeiro que passou, com aqueles latidozinhos de cachorro novo:

— Iap, iap, iap.

Dona Bingona ficou preocupadíssima. Algum dos filhotes podia ser atropelado, não é? Mas Seu Bingão nem ligou. Perseguir carros era o destino de todos os cães, e seus filhos haveriam de se safar das dificuldades. Afinal, eram ou não eram de sua linhagem, da tradição dos vira-latas de respeito?

Até que passou um carro com o escapamento entupido e... Bam!

Os cachorrinhos tomaram o maior susto com o estouro, mas logo já estavam brincando de novo.

Quem preocupava Seu Bingão era o Bingo. Enquanto todos os machinhos da ninhada da Dona Bingona farejavam os postes e as raízes das árvores para fazer xixi logo em seguida, Bingo nem ligava. Ele estava mais interessado em sacudir o rabinho para todos os humanos que passavam, xeretar as sacolas que as madames carregavam e! lamber todas as mãos que se abaixavam para fazer-lhe festinhas.

Na hora em que todos foram perseguir automóveis, Bingo tinha arranjado um jeito de passar pelas grades de um jardim, cair no meio das roseiras, espetar-se nos espinhos e voltar ganindo para o aconchego da mamãe:

— Caim, caim, caim!

O mais grave, porém, ainda estava para acontecer. Na curva da primeira esquina, a família defrontou-se com um vira-lata vagabundo, desses sem respeito algum, sujo e magro.

Seu Bingão fez aquilo que se esperava dele. Enfrentou o vagabundo com seu possante latido, mostrando os dentes ameaçadoramente. No mesmo instante, Dona Bingona e os filhotes imitaram o líder, e o vira-lata importuno viu-se acuado contra a parede por todos os cães.

Por todos os cães, menos por Bingo. Sacudindo o rabo, o cachorrinho correu até o vagabundo, deu-lhe umas lambidinhas e ficou fazendo o seu “iap-iap” enquanto corria em volta convidando o novo amigo para brincar.

"Que vergonha!", ia pensando Seu Bingão, enquanto voltavam para casa. "Um filho meu perder a chance de mostrar a bravura de um vira-lata de respeito!

Fazer amizade com vagabundos, cheirar as pessoas em vez de fazer xixi nos postes, meter-se com rosas em vez de perseguir os carros! Vergonha! Estragou o passeio de todos nós. E agora? Como é que eu vou olhar pra cara do Fritz, aquele pastor alemão cheio de raças, pedigris e não sei mais o quê?"

Mas o Bingo não sentia vergonha nenhuma. Estava muito feliz com o seu primeiro passeio, correndo alegremente na frente de todos.

O vizinho do telhado

A família do Seu Bingão tinha um vizinho. No telhado do galpão onde moravam, vivia um velho gato, sábio e calmo. Seu nome, ninguém sabia, porque ninguém era dono dele. Tinha escolhido o telhado para morar e por lá ficava enquanto queria e de lá saía para passear quando cismava.

Todos já se haviam acostumado com o gato, e até que ele tinha sua utilidade: quando aparecia alguma visita no quintal, Seu Bingão adorava exibir-se, rosnando na direção do gato, para todo mundo saber quem era o chefe por ali.

O gato também já estava acostumado com a vizinhança e com a arrogância do Seu Bingão. Mas, para não decepcionar as visitas, arrepiava-se todo com os latidos do vizinho, fingia medo e, logo que as visitas se distraíam, virava para o lado e ia cuidar da vida.

E vai que Bingo virou, mexeu e acabou fazendo amizade com o gato. Um simpatizou com a alegria e a curiosidade do outro, e o outro ficou fascinado com a experiência e a vida aventurosa do um.

Bingo, como todos os cachorrinhos, brincava o dia inteiro e, quando o sol ia dormir, lá ia ele dormir também.

Mas, com o gato, a história era diferente. Ah, se era! O bichano cochilava o dia inteiro, lá no telhado, acordando somente para um gole d'água, para fingir medo do Seu Bingão ou para uma lambidinha no prato de leite com pão do Bingo. Mas, logo que a lua aparecia por cima do telhado, o velho gato mergulhava na noite, e o mundo era todo dele.

"Ah, que vida maravilhosa!", invejava o Bingo.

O cachorrinho pensava todos os dias naquele mundo que era bem maior que

o seu quintal. Um mundo que o velho gato via de cima. Um mundo em que a altura dos muros não importava. O mundo negro da noite, o mundo da cor do gato.

Sombras assombradas

Bingo morria de medo da noite. Mas, ao mesmo tempo, ela o atraía com as fascinantes histórias do gato. E o cachorrinho fechava os olhos, sonhando com ele mesmo a passear pelos telhados, a pular por cima dos muros, a enfrentar os desafios escondidos nas sombras.

Deu de acordar à noite e espiar medrosamente para fora do galpão. À sua volta, todos os irmãozinhos dormiam amontoados sobre almofadas, ao som dos roncos de Seu Bingão.

Lá fora, recortada contra a lua cheia, Bingo conseguia ver a sombra do gato, orgulhosamente dominando os telhados, como o imperador da noite.

A noite. Que maravilha não ter medo da noite, não tremer quando as sombras escondem o que está a um passo da gente! O gato enxergava através das sombras, o gato via tudo. Como podia haver segredos para uma criatura como ele?

Mesmo sem ousar esticar uma pata para fora da segurança do galpão, Bingo ficava um tempão acordado, tentando ver um pouco mais do que era possível ver dos telhados fracamente iluminados pelo luar. Tentando imaginar tudo o que podia haver e acontecer por trás das cortinas negras da escuridão.

De tanto soltar sua imaginaçãozinha à noite, Bingo deu de acordar tarde. Geralmente, quando conseguia sair de sua almofada, as tigelinhas de pão com leite já tinham sido esvaziadas pelos irmãozinhos.

Mas Bingo não se importava, tão fascinado estava com os mistérios que não conseguia resolver. Com os olhinhos pesados, já piscando de sono, pensava num mundo bem maior que o seu quintal. Por onde andaria o gato àquela hora?

De longe, o cachorrinho ouvia o brado da liberdade:

— Miaaauuu!

Aos poucos, aquele som foi se intrometendo na cabeça do Bingo, foi crescendo, foi tomando corpo, até que ocupou todos os espaços que deveriam ser preenchidos pelo volumoso latido do Seu Bingão.

O primeiro miado

Os filhotes já estavam crescidinhos e tinha chegado a hora de Dona Bingona mostrar para Seu Bingão como ia bem a educação daquela cachorradinha que havia de continuar a tradição dos vira-latas de respeito.

O tempo dos “iap-iap” tinha chegado ao fim. Era preciso mostrar ao chefe da família que os filhotes estavam se tornando vira-latas de verdade e que a voz deles se encaminhava para impor o respeito que se esperava.

Seu Bingão postou-se de patas cruzadas, com aquele jeitão de pai que se prepara para assistir ao filho declamar um versinho e finge que nem está ligando.

Todos os cachorrinhos estavam excitadíssimos. Cada um apostava que ia se sair melhor que o outro e tratava de empurrar, para ser o primeiro da fila.

Dona Bingona, depois de muito trabalho, conseguiu alguma ordem e começou a exibir as qualidades de cada filho.

O latido do primeiro cachorrinho, fracote e tímido mas muito simpático, provocou a resposta muda de um piscar de olhos seco mas aprovador por parte do patriarca da cachorrada.

Veio mais um, mais safadinho, latindo animadamente, com uma voz fina de cachorrinho novo.

E veio outro, com um latido um bocadinho só mais forte, mas suficiente para receber um rosnar orgulhoso do pai.

Aí chegou a vez do Bingo. O cachorrinho, com o rabo pra lá e pra cá, deu uns pulinhos até Seu Bingão e aplicou-lhe a mais molhada lambida de que era capaz.

Com a autoridade que se esperava, o pai empurrou delicadamente o filho com o focinho e ficou à espera.

Bingo sentou-se sobre as patas traseiras, língua de fora e aquele olhar sapeca que todos conheciam muito bem.

A família estava à espera, mas Bingo não deixou a espera ficar muito comprida. Preparou-se e soltou o mais sonoro:

— “MIAAAU!”

Ecos de um simples miado

Horror! Alvoroço! Pandemônio! Coisa nunca vista!

Enquanto os filhotes ficavam sem saber o que estava acontecendo, e Dona Bingona fingia uma espécie de desmaio de cachorro, Seu Bingão levantou-se como se tivessem jogado um balde de água gelada em suas costas.

Que brincadeira era aquela?

A expressão de fogo nos olhos do pai deixou o pequeno Bingo morto de medo e cheio de surpresa.

Não tinham gostado do seu miado? Por quê? Ele tinha caprichado tanto...

Pois é. Parece que não tinham gostado. Bingo não se lembrava de ter visto o pai tão zangado.

De olhos arregalados, toda a pose perdida, Seu Bingão nem sabia o que pensar.

Como?! Um filho dele? Miando? Onde estava aquele latido destinado a meter medo a toda a mal- dita raça dos felinos de todas as cores e capaz de fazer correr todos os carteiros? Não! Aquilo ele não podia admitir. O que diriam dele? O que diria o Fritz, aquele pastor alemão antipático? O que seria da sua honrada linhagem dos vira-latas de respeito?

Tão bravo estava Seu Bingão, tão nervosa estava Dona Bingona, que todos os filhotes se assustaram. E todos, ao mesmo tempo, puseram-se a ganir, desconsoladamente.

A um canto, lá estava Bingo. Sozinho, rabo entre as pernas, orelhinhas murchas.

A incompreensão humana

Uma bagunça como aquela, no quintal, nunca tinha sido vista. Ou melhor, nunca tinha sido ouvida. Abriu-se a porta da cozinha, e os donos da casa apareceram para ver o que estava acontecendo.

Era gente muito boa. Bingo já sabia muito bem. Gente sempre disposta a fazer um cafuné no cangote e a encontrar alguma guloseima extra para ele.

"Esse pessoal vai me compreender", pensou Bingo.

Correu para o lado dos donos, abanando o rabinho, cheio de esperança. Olhou firme para cima e pronunciou o seu forte:

— “MIAAAU!”

Os óculos do dono pularam do nariz e a dona quase se engasgou com a dentadura. O dono pôs-se a falar apressadamente, enquanto procurava os óculos, de quatro, no meio dos cachorros. A dona pôs-se a balançar a cabeça, sem falar nada, porque ainda não tinha desengasgado.

Finalmente o dono encontrou os óculos e colocou-os de novo sobre o nariz, mesmo com uma das lentes quebrada pela queda. Voltaram os dois para dentro e bateram a porta da cozinha. Bingo pôde ouvir que discutiam alto, primeiro só o dono, depois com a dona junto, quando conseguiu desengasgar e pôr a dentadura no lugar.

Ai, ai, ai... Pelo jeito, o miado também não tinha dado certo com os humanos. O que iria acontecer agora?

Apavorado, surpreso, ofendido, Bingo ouviu alguma coisa parecida com “carrocinha”, ou algo do gênero.

Uma decisão de respeito

Bingo nunca tinha ouvido falar em carrocinha, mas Seu Bingão e Dona Bingona sabiam muito bem do que se tratava, pois a cachorra agarrou-se ao marido, tremendo. De medo, na certa.

Seu Bingão balançou a cabeça. Não havia nada a fazer. Ele sempre havia pensado que o pior destino de um cão é a carrocinha. Mas, agora, a carrocinha lhe parecia a melhor solução para uma tragédia daquele tamanho. Melhor a carrocinha do que a dignidade enlameada por um filho seu, miando como... como um gato!

Dona Bingona estava com o coração partido. Em condições normais, ela teria se oferecido para ser presa pela carrocinha, só para salvar um filhote seu. Mas a situação era diferente. Por mais que ela quisesse proteger o Bingo, não poderia, como boa mãe que era, permitir que a presença de seu filhote continuasse dando um péssimo exemplo como aquele. Era a carrocinha para um ou a perdição para toda a ninhada.

Assim, com tristeza, mas decidida, Dona Bingona deu as costas para o filhote e foi juntar-se ao marido. Ela era, também, uma vira-lata de respeito.

Os outros cachorrinhos, mesmo sem saber a razão de tudo aquilo, logo descobriram quem era mais forte e trataram de se juntar aos pais, por via das dúvidas.

A um canto do quintal, Bingo ficou só.

Do outro lado, debaixo do galpão, nenhum membro da família olhava para ele.

Mas, lá de cima, no alto do telhado, havia dois olhos fixos no pobre cachorrinho.

Bingo levantou o olhar. Lá estava o gato.

Ao relento, ao luar

Pelo resto daquela tarde, ninguém mais brincou naquele quintal. E ninguém chegou perto do Bingo, como se ele tivesse alguma doença contagiosa, tipo catapora ou sarampo, que ninguém quer pegar.

Quando a noite caiu, todos os cães foram para o galpão ajeitar-se em suas almofadas. Depois que todos já estavam acomodados, Bingo aproximou-se, exausto, só pensando em dormir.

Mas Seu Bingão levantou a cabeça e rosnou ameaçadoramente, mostrando os dentes.

O pobre Bingo parou, quis chorar, quis pedir, mas fez meia-volta. Nada adiantaria. Nada daria jeito.

Deitou-se num canto da horta e adormeceu, iluminado pelo luar. O mesmo luar que, naquele momento, em algum canto da cidade, iluminava o gato.

O homem de uniforme

Na manhã seguinte, um caminhãozinho cercado por grades, com cães de todos os tamanhos e feitios latindo e ganindo lá dentro, parou em frente à casa.

Os donos da casa e dos cachorros da família Bingão saíram para receber

um homem de uniforme, com uma corda na mão.

Pelo jeito, depois de ouvir a explicação, o homem de uniforme não gostou da história:

— Cachorro que mia não pode!

— Mas por que não? — perguntou o dono com os óculos de lente quebrada.

— Não sei por quê. Só sei que nunca ouvi falar de cachorro miando. Quem mia é gato!

— Isso nós sabemos — concordou a dona com a dentadura solta. — Só que, infelizmente, esse mia...

— Então não é cachorro. É “gachorro”, ou “cachogato”, sei lá. E isso a carrocinha não pode prender.

A discussão não durou muito. O dono levantou os óculos quebrados para a testa, para enxergar melhor, meteu a mão no bolso, tirou uma ou duas notas e passou-as para o homem de uniforme.

O sujeito embolsou o dinheiro e suspirou:

— Está bem, vou ver o que posso fazer.

Quando aquele homem de uniforme, com sua corda, entrou no quintal, foi uma correria. Seu Bingão esqueceu-se do respeito e foi esconder-se debaixo da almofada. Dona Bingona pulou para baixo do tanque e entalou-se num balde.

Os cachorrinhos corriam de um lado para outro do quintal, e o homem de uniforme não sabia o que fazer.

— Qual deles? Este aqui? Aquele lá?

Cada cachorrinho apontado tratava logo de latir o mais que podia para livrar-se do laço.

A dona interveio, dentadura solta:

— Não, não é nenhum desses. É o Bingo. Cadê o Bingo?

— Bingo, vem cá!

E lá veio o Bingo. Aproximou-se do homem de uniforme. Todos os cães abriram um espaço, no meio do qual ficou o cachorrinho. Olhou para o homem, olhou para o laço e fez, tristemente:

— “Miau”...

— “Teje” preso! — gritou o homem de uniforme, jogando o laço em torno do

pescocinho do Bingo.

Em cima do telhado, assistindo a tudo, estava o gato.

Na jaula sobre rodas

Bingo só pôde respirar quando lhe tiraram o laço do pescoço e o jogaram dentro da carrocinha.

Clang! fez a porta ao fechar-se.

Clic, clic! fez o cadeado ao trancar a porta.

O cachorrinho olhou à sua volta. Estava espremido entre vários companheiros de desgraça. Tudo lhe parecia um sonho mau, um pesadelo.

— Ora, vejam! — comentou um cão cheio de sarnas. — Agora eles estão prendendo crianças.

— Por que vocês estão presos? — perguntou timidamente Bingo. — Vocês também miam?

— Miar?! — horrorizou-se um cachorro de maus bofes. — Nós somos cães vagabundos, mas somos cachorros de verdade.

— Só temos azar — lamentou-se um felpudo, coçando as pulgas.

— Esse cachorrinho deve ser maluco...

— Antes cachorro maluco que cachorro louco! — resmungou um pequinês falsificado.

— É muito azar mesmo — lamentou-se de novo o felpudo, que era de lamentar-se. — Fome, pulgas, carrocinha, e ainda por cima um filhote maluco. Ai, ai, isso é o que chamam de “vida de cachorro”!

— É, mas tem cachorro que leva vida melhor do que muita gente — comentou o das sarnas. — Eu mesmo conheci uma cadelinha cheirosa, cheia dos talcos e dos trinques, que morava numa casa que...

— Ai, nem fale nesses cachorros almofadinhas — rosnou o cachorro de maus bofes. — Essa vida não é pra nós.

— Pois foi por causa daquela cadelinha que eu vim parar aqui — continuou o das sarnas. — Eu e ela estávamos no maior dos namoros quando chegou esse sujeito de uniforme, com aquele laço maldito.

— Vai ver foram os donos da tal cheirosinha que chamaram o homem do laço — raciocinou o pequinês.

Bingo ouvia tudo aquilo como se nada estivesse acontecendo de verdade. Na certa, ele ia acordar e ver-se novamente no seu quintal. Aí podia bater um papinho com o gato, e tudo voltaria a ficar como antes.

Um mestiço de buldogue inter- rompeu o pensamento do Bingo:

— Pra onde será que estão nos levando?

— Sei lá — tentou responder o sarnento. — Já vi muitos colegas caírem no laço da carrocinha. Só não vi nenhum voltar pra contar o que aconteceu...

Todos ficaram em silêncio. Em cada cabeça surgiram idéias diferentes acerca do destino daquela viagem sacolejante. E nenhuma era uma imagem agradável.

Já estava escurecendo quando a carrocinha freou na frente de uma casa grande, cercada de muros altos, onde estava escrito Canil Municipal. Lá de dentro ouviam-se uivos tristes e ganidos de cortar o coração. Nenhum latido de alegria.

No Canil Municipal

A grande porta da casa abriu-se e a carrocinha entrou por ela, manobrando até chegar perto de uma série de jaulas cheias de cães.

Bingo, na escuridão da noite que caía, mal pôde ver o que havia dentro das jaulas. Adivinhou apenas sombras assustadas que pulavam contra as grades, fazendo um alarido ensurdecedor.

Clic, clic! fez o cadeado destrancando a porta.

Clang! fez a porta ao abrir-se.

Querendo aproveitar a oportunidade, o cão de maus bofes pulou para fora, tentando fugir e ameaçando morder quem estivesse à frente.

Como um relâmpago, uma corda cortou o ar e apertou-se em torno do pescoço do cão, enquanto — vapt, vapt! — a ponta de outra corda caía várias vezes sobre o lombo do fujão, deixando marcas vermelhas e arrancando um ganido longo, sufocado pelo laço.

Com gritos e golpes de corda, os cachorros foram empurrados para uma das

jaulas. Bingo, pequeno que era, conseguiu livrar-se das lambadas e esgueirou-se a salvo para o fundo da masmorra.

Outro “clang”, mais dois ou três “clics” e estavam todos presos de novo.

O canil estava cheio. No escuro, os cães se empurravam, se amassavam, excitados, perturbados, aflitos.

— Chega pra lá! — ameaçou um grandão, pêlo liso, negro. — Chega pra lá, senão vai dentada!

— Que é isso, valentão? — enfrentou um dos que acabavam de chegar junto com Bingo. — Estamos juntos, na mesma desgraça. Não vamos nos morder uns aos outros!

— É isso mesmo — concordou um veterano. — Vamos nos ajeitar, porque não temos outro jeito.

Aquilo tudo estava sendo demais para o pobrezinho do Bingo. Onde estaria o seu amigo gato? Quem sabe, ele poderia socorrê-lo, fazer alguma coisa. Bingo apoiou as patas da frente na grade e, como um chamado, soltou o mais forte “miau” de que era capaz.

Quem é que tá miando aí?

O som daquele miado atravessou todas as jaulas.

Inimigos de nascença de todos os gatos, os pobres cães prisioneiros puseram-se a latir ferozmente, como se pudessem arrebentar as grades e devorar o autor do “miau”.

Surpresa maior aconteceu na jaula onde estava o Bingo. Nenhum dos cães conseguiu entender.

— Que é isso?

— Será que eu ouvi direito?

— Esse cachorrinho fez “miau”?

— Vai ver, é um gato disfarçado!

— Pega!

— Pega o gato disfarçado!

— Mata!

— Esfola!

A cachorrada toda caiu em cima do Bingo. O pobre cachorrinho conseguiu escapar correndo entre as pernas dos agressores e ficou zanzando, ziguezagueando, até que, exausto, viu-se cercado, no fundo da jaula.

Nesse instante, um berro humano veio salvar Bingo.

— Quem é que tá miando aí?

— Que bagunça é essa?

— Cala a boca, cachorrada!

Vendo as cordas nas mãos dos carcereiros, os cachorros meteram os rabos entre as pernas.

Bingo, por um momento, estava salvo. Mas tinha saído todo esfolado da tentativa de linchamento, e seus arranhões provaram aos outros cachorros que ele não usava disfarce algum. Era um cão. Como os outros. Só que miava, e isso não podia ser admitido pelos companheiros de cela. Eram vagabundos, mas eram cachorros de verdade.

— Que vergonha! Um cachorro que mia! — rosnou o cão sarnento.

— Que azar! — lamentou-se o das pulgas, coçando as pulgas. — Além da prisão, além das pulgas, ainda tinha de aparecer um cachorro que mia!

Lambendo seus ferimentos, abandonado a um canto, Bingo estava triste, triste...

A raiva e a fúria

"Coitado!", você deve estar pensando. "Tanta dor, tanto sofrimento, mas por que ele não parou de miar e começou a latir como qualquer cachorro? Aí, todos os problemas dele estariam resolvidos, não acha?"

Acho. E confesso que até pensei nisso. Mas Bingo não queria. Ele achava que seus miados não faziam mal a ninguém. Por que mudar, então?

E olhe que os problemas não pararam por aí. No canil, Bingo conheceu as pulgas, pintinhas pretas puladoras e coçativas que não existiam lá no seu quintal, pois a dona da dentadura solta sempre dava banho nos cachorrinhos e botava um talquinho que, além de cheiroso, acabava com a vida das pulgas.

E a comida, então? Ah, que saudade das guloseimas e das tigelinhas de leite lá do quintal! No canil, o estômago novinho do Bingo passou mal: a comida que eles davam, além de pouca e rara, tinha gosto de sabão com quiabo e, pelo cheiro, parece que já vinha estragada.

— Você não vai comer? — gozou o pequinês falsificado, quando viu Bingo afastar-se da comida na noite seguinte. — Está com luxinho, é? Pois deixe que eu como a sua parte.

— Ei, sai pra lá! — intrometeu-se o grandão, de pêlo negro. — A comida do cachorrinho que mia vai ficar é pra mim!

A cachorrada já ia se engalfinhando numa briga de morte para disputar a comida fedorenta que Bingo tinha rejeitado, quando um barulho infernal veio da jaula ao lado.

— Que é isso? — surpreendeu-se o cão de maus bofes.

— É o vira-lata amarelo! — latiram da outra jaula. — Parece que está com raiva.

Raiva?! Os cães ficaram apavorados. A raiva é o pior que pode acontecer a um cachorro.

Os carcereiros chegaram em seguida. Estavam tão nervosos quanto os cães e traziam paus compridos, além das cordas.

— Olha! — apontou o chefe. — É aquele amarelo lá. Abre a porta. Laça com cuidado!

Bingo não pôde ver o que se passava. Ouviu os “clics”, o “clang” e as lambadas, logo seguidas por um ganido estrangulado.

Os carcereiros saíram da cela arrastando, meio enforcado pela corda, um cão amarelo que se debatia e espumava pela boca.

O chefe dos carcereiros tirou da cinta um objeto estranho, escuro, com um cano, que Bingo nunca tinha visto.

Ouviu-se um barulho parecido com os estouros dos canos de escapamento dos automóveis, que os cães conheciam tão bem: bam!

O cão amarelo parou de se debater.

Naquele momento, todos os prisioneiros começaram a uivar, enquanto os homens iam embora carregando o pobre cachorro louco.

Vamos fugir daqui!

Bingo tinha passado por tanta coisa naqueles dois dias que já se sentia um cão adulto, experiente, e não mais o cãozinho novo que era. Uma mosca pousou nos seus ferimentos e ele lambeu a pata, que coçava e ardia.

Seus companheiros de jaula estavam muito nervosos:

— Por que o vira-lata amarelo ficou quietinho depois daquele barulho de escapamento de automóvel? — perguntou o cão negro.

— Vai ver, ficou com medo. Eu também tenho medo de barulho de escapamento — confessou o pequinês.

— O que vai acontecer com ele? — o mestiço de buldogue também estava assustado.

— Sei lá — respondeu o sarnento. — Ele está doente, não está? Então ele precisa de um hospital de cachorros, não é?

— Quer dizer que os homens vão tratar dele? E ele vai voltar pra cá?

— Duvido — intrometeu-se um veterano. — Nunca vi um cão raivoso aparecer de novo, curado. Querem saber o que eu acho? Eu acho que eles vão acabar com ele!

— Não agüento mais! — desesperou-se o cão de maus bofes. — Fome, jaula, chicotadas, e ainda ficar raivoso pra essa gente acabar com a nossa vida! Eu não vou suportar isso!

— Podia ter sido um de nós! — lembrou o buldogue.

— Que azar! Podia ter sido eu! — lamentou o cão pulguento.

— E nós vamos ficar aqui, parados? — concluiu o de maus bofes. — Vamos fugir daqui!

— É isso mesmo! — Apoiado!

— Ninguém agüenta mais!

— Vamos fugir, sim — concordou o pequinês. — Mas fugir como?

— Precisamos de um plano — ajuntou o buldogue.

— Que azar! Não temos um plano — choramingou o das pulgas.

O cão de maus bofes latiu mais alto:

— Cambada de vira-latas burros! Vocês não são capazes de pensar em nada? Pois eu tenho um plano!

— Um plano? Que plano?

— Vamos, diga logo!

— Um de nós finge-se de cachorro louco. Aí, vêm os homens com os paus e com os laços. Aí, todos os outros pulam em cima deles, de surpresa. Aí, mordemos todo mundo, sem dó nem piedade. Aí...

— Aí, o quê? — perguntou o buldogue.

— Aí a gente foge, cachorro burro!

Os companheiros aprovaram a idéia na hora:

— Boa!

— Ótimo plano!

— Mas quem vai se fingir de raivoso?

— Não olhe pra mim! Você é besta? E se não der certo? Eu não quero que eles acabem comigo. Eu não quero morrer!

— Nem eu!

— Eu muito menos!

— Que tal cachorrinho que mia? — sugeriu o pequinês. — Ele é muito pequeno e nem vai servir para atacar os homens. Ele que se finja de louco!

— Isso! Se não der certo, azar dele! — caçoou o felpudo, das pulgas e dos azares. — Assim ele aprende a miar melhor! Eh, eh, eh!

— Deixem de ser burros! — berrou o líder, de maus bofes. — O cachorrinho é pequeno demais. Ele não vai saber se fingir de raivoso.

— É mesmo. O cachorrinho não serve pra nada!

— Que azar! O cachorrinho não pode se fingir de cachorro louco. E quem é que vai fingir?

— Você! — decidiu o líder.

— E-e-eu?! — gaguejou o das pulgas.

— Você mesmo. Não se preocupe, tudo vai dar certo.

— Que azar! Logo eu?

O plano estava pronto, e até Bingo achou que ia dar certo. Mas, se ele era pequeno demais para atacar os carcereiros e também era pequeno demais para

fingir-se de cachorro louco, que papel ele teria no plano de fuga?

— Nenhum! — rosnou o de maus bofes. — Você não vai fugir com a gente. Quem mia não pode!

Nas sombras, uma idéia

— Vamos aproveitar agora que está bem escuro — comandou o líder, sempre de maus bofes. — Pulguento, vá lá para o fundo e comece a babar, rosnar e fingir-se de raivoso. Eu, o grandão, o buldogue e o sarnento ficamos deste lado da porta. O pequinês e os outros ficam do lado de lá. Quando vocês ouvirem o “clic, clic, clang”, já sabem: vamos cair em cima dos homens. Estão prontos?

— Estamos! — latiram todos.

— Então, pulguento, comece a fingir!

— Que azar! Que azar! — lamentou-se o das pulgas.

Bingo olhou para fora. Estava muito escuro mas, no telhado das jaulas em frente, o cachorrinho pensou ver uma sombra, que maciamente deslizava pelas telhas. Uma sombra da cor da noite. Seria o gato?

E Bingo teve uma idéia. Encolheu-se num canto da jaula, junto à grade, e ficou bem escondido na escuridão.

O felpudo começou a fazer o seu papel. Rosnou e babou o melhor que podia e rolou na terra, enquanto os outros cães ficavam em silêncio.

Não demorou quase nada, e a mesma balbúrdia que antecedera as desventuras do cão amarelo repetiu-se. Os homens vieram correndo, paus e cordas nas mãos.

— Outro raivoso? Não é possível!

— Aqui! Nesta jaula!

— Anda logo!

— Cuidado!

Vieram os “clics” e o “clang”. O chefe dos carcereiros entrou na frente e o cão de maus bofes pulou, pronto para abocanhar-lhe a garganta.

Bam, bam! Ouviu-se duas vezes aquele ruído de escapamento de automóvel.

E todos os prisioneiros viram o cão de maus bofes girar no ar e cair como uma fruta madura.

O que teria acontecido? Por que o líder, tão valente, estava agora quietinho, no chão, como o cão amarelo? Será que ele tinha tanto medo assim de escapamento de automóvel?

Sem saber o que fazer, os cachorros encolheram-se e todos os homens entraram na jaula. Entraram furiosos, afastando os cães com os paus compridos, batendo a torto e a direito com as cordas, laçando todos os cães que conseguiam ver no escuro.

Quase nos calcanhares do chefe dos carcereiros, Bingo fez, bem baixinho, aquilo que melhor sabia fazer:

— “Miau”!

Surpreso, o chefe olhou para baixo e não viu nada naquela escuridão.

— Um gato no canil?! Sai daqui, gato vagabundo!

E, com um pontapé, jogou Bingo para fora da jaula.

Adeus, Bingo

Livre, no corredor entre as jaulas, onde todos os cães latiam e atiravam-se contra as grades, Bingo correu tudo o que pôde. Espremeu-se pelas paredes, aproveitando as sombras e procurando o portão de saída, no meio daqueles muros tão altos.

Foi aí que a lua saiu de trás das nuvens e veio iluminar o pátio em frente ao portão.

— Que é isso? — gritou uma voz. — Um cachorro fora da jaula?!

— Hein? O quê? Pega! Laça ele!

Surgiram homens de todos os lados. Só, no meio do pátio iluminado pela lua, o cachorrinho não tinha para onde fugir.

Os olhinhos do Bingo cruzaram-se com o olhar amarelo do gato, lá no alto do muro.

— Vem — pareciam dizer aqueles olhos. — Pule!

Pular? Ele, um cachorrinho de quintal? Como?

— Vem. Você vai conseguir!

Não havia outro jeito. Quase cercado pelos homens, Bingo correu, tomou impulso e saltou.

Plaft! fez o corpinho do cachorro ao chocar-se contra o muro.

Ainda tonto pela queda, Bingo olhou novamente para cima do muro.

— Vem. Não desista agora. Você vai conseguir!

Bingo correu de novo, esticou-se todo e, mais uma vez — plaft!

O cachorrinho rolou na terra, levantou-se, correu de um laço que foi jogado contra o seu pescoço e olhou para aqueles olhos amarelos.

— Vem. Força! Tente de novo. Você vai conseguir! Você vai conseguir!

Com o corpo todo doído pelas duas quedas, Bingo disparou pelo pátio, ziguezagueou entre as pernas dos homens, livrou-se das pauladas e correu como nunca. Lutando pela vida, saltou como um gato.

Agarrou-se com as patinhas na beirada do muro, enquanto ouvia novamente aqueles estouros de escapamento de automóvel. A seu lado, lascas de reboco e tijolo foram arrancadas do muro.

Bingo não conseguia puxar o corpo para cima. Suas forças já estavam no fim.

Na sua frente, dois olhos amarelos fixaram-se nele.

— Força! Tente! Você está quase livre.

O cachorrinho cravou as unhas no muro, reuniu todas as energias e soltou o seu mais forte:

— “Miaaau”!

Lá embaixo, os homens viram, recortadas contra a lua cheia, as sombras de um gato e de um cachorro correndo sobre os telhados.

Ninguém mais pôde encontrar o Bingo. Nunca se soube para onde ele foi. Uns dizem que ele partiu para bem longe e foi aprender outras línguas. Dizem que, agora, Bingo sabe cocoricar, mugir, balir e até trinar. Outros acham que ele foi para uma terra onde todo mundo pode falar a língua que quiser. Uma terra onde é permitido miar. Uma terra onde é permitido ser diferente!

Pedro Bandeira

Nascido em Santos, São Paulo, em 1942, Pedro Bandeira mudou-se para a cidade de São Paulo em 1961. Trabalhou em teatro profissional como ator, diretor e cenógrafo. Foi redator, editor e ator de comerciais de televisão. A partir de 1983 tornou-se somente escritor. Sua obra, direcionada a crianças e jovens, tem ganho diversos prêmios, como Jabuti, APCA, Adolfo Aizen e Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Atrás da Porta

Ruth Rocha

A casa do Carlinhos era uma casa antiga, pegada à Escola Dona Carlotinha de Araújo Cintra.

Antigamente, quando a avó do Carlinhos estava viva, ela ocupava as duas casas, que eram uma só.

Depois que a Dona Carlota morreu, a família separou o casarão em dois.

Uma parte foi doada para a escola. E, na outra, ficou morando a família do Carlinhos.

Carlinhos gostava muito da avó, então vivia brincando no quarto que tinha sido dela.

Dona Carlotinha era aquele tipo de avó que todo mundo quer ter. Brincava com os netos de teatrinho, de acampamento no quintal, de amarelinha, tocava violão, cantava e contava histórias.

E que histórias! Dava a impressão de que ela sabia todas as histórias do mundo.

De fadas, de lobos ferozes, de meninos e meninas que desobedeciam aos

pais (era dessas histórias que Carlinhos mais gostava), de reis, de piratas e de marinheiros.

O quarto de D. Carlotinha era todo forrado de madeira. E ainda tinham ficado nele alguns livros, muitas fotografias antigas, objetos estranhos, caixinhas de música, caleidoscópios, tinha um jogo engraçado com uma bola e um espeque, que a mãe do menino chamava de bilboquê.

Carlos se lembrava de uns livros grandes, com muitas figuras, que D. Carlota lia para ele, mas eles tinham sumido. Assim como um retrato da avó, muito mais moça, com um vestido bonito de cetim, com flores e bordados.

A mãe e o pai de Carlinhos viviam atrás dele, insistindo que ele precisava ler mais.

Mas os livros que davam para ele, do mesmo jeito que os livros que a professora mandava ler, eram muito sem graça, para quem tinha conhecido as histórias de D. Carlotinha.

Carlinhos, nas horas vagas, ficava mexendo em tudo que tinha no quarto da avó. E tanto escarafunchou dentro das gavetas, no fundo dos armários, nas molduras e nos bordados que enfeitavam as paredes, que um dia, ele rodou uma rosa entalhada num friso, a rosa estalou, a madeira se moveu e abriu-se uma porta na parede.

Era de noite. E do outro lado estava escuríssimo. Mas, embora Carlinhos tenha ficado com um pouco de medo, foi buscar uma vela e entrou pela porta, que ele já estava chamando de misteriosa.

A luz da vela tremia muito e levou algum tempo para que Carlinhos enxergasse o que estava lá dentro.

Então o coração do menino começou a bater forte, porque ele estava numa sala enorme, toda forrada de estantes de livros e no fundo, pendurado na parede, estava o retrato de sua avó, tão bonita, moça, num lindo vestido comprido, com um livro na mão.

Para Carlinhos, aquela era uma coisa mágica, era como se fosse um sonho, um espaço desconhecido.

Depois que passou a primeira emoção, o menino começou a olhar os livros nas estantes. Tinha livros de todos os tamanhos, de capas de todas as cores.

De repente Carlinhos encontrou um daqueles livrões que sua avó costumava mostrar a ele.

O menino abriu o livro com o coração batendo. Lá estava a história do Trenzinho do Nariz Frio; a do Marinheiro Tatuado; a dos Patos que Cantavam o Hino Nacional. E tinha a história da Menina que não Gostava de Nada, da Torre de Babel e uma, muito engraçada, que se chamava Enquanto eles Dormem no Japão.

Carlinhos chegou a ler uma ou duas, mas percebeu, de repente, que estava amanhecendo.

Ele não sabia bem por que, mas não queria que descobrissem o seu segredo.

Então botou o livro no lugar e voltou para o quarto da avó. Dormiu um bocadinho e sonhou com aqueles livros todos e sonhou com sua avó, tão alegre, tão engraçada, tão querida!

O menino ficou com muito sono o dia todo, até tirou uma soneca depois do almoço, o que espantou muito sua mãe.

E à noite, depois que todos foram dormir, lá foi ele outra vez para a sala misteriosa, que Carilinhos não entendia bem onde ficava. Ele achava que aquela sala era um milagre que sua avó tinha preparado só para ele.

E leu bastante, riu muito de umas gravuras e cartões-postais engraçados que descobriu, encontrou um teatro de bonecos com que brincava no tempo da avó.

No dia seguinte, o menino não pôde resistir e contou sobre a sala ao seu melhor amigo, o João.

À noite, depois que todos foram dormir, Carlinhos desceu as escadas bem devagarinho e abriu a porta da frente.

Lá estava o João, que tinha trazido a irmã, a Tuca. Os dois estavam loucos para conhecer a sala misteriosa.

E a Tuca também não pôde resistir.

No dia seguinte ela trouxe a prima, a Julinha. E a Julinha trouxe o Marcelo e o Marcelo trouxe o Cláudio, o Cláudio trouxe o Miguel e o Miguel...

Cada um trazia sua própria vela para poder ver os livros, ler à vontade e brincar com as mil coisas interessantes que todos os dias eles iam descobrindo.

Então aconteceu uma coisa engraçada.

Começou a correr pela cidade um boato que a escola Dona Carlotinha de Araújo Cintra estava cheia de fantasmas.

As pessoas juravam umas para as outras que tinham visto luzes... Luzes que andavam atrás das janelas. Luzes que tremiam...

O vigia, seu Virgolino, que na verdade dormia a noite inteira, jurava que eram mentiras, "onde é que já se viu?".

Mas muitas pessoas afirmavam que tinham visto pessoalmente as tais luzes.

Dona Gertrudes Afonseca e Silva, que morava do outro lado da praça e ficava vigiando na janela a noite toda, confirmava:

— São fantasmas, sim senhor! Já vi cada sombra enorme lá dentro. Cruz credo!

E o seu Benício de Carvalho Pinto, que sofria de insônia e andava pela cidade a noite toda, confirmava:

— Fantasmas! Dos bons! Eu é que não passo mais pela pracinha!

Os pais do Carlinhos, dona Joana e seu Antonio, ouviram falar dos tais fantasmas, mas, como eles não acreditavam nessas coisas, não ligaram muito.

Até que um dia, a Joana levantou à noite para beber água e levou o maior susto com aquela fila de crianças de pijama, que entravam pela porta da frente, subiam as escadas e entravam no quarto de dona Carlotinha.

Então ela chamou o Antonio e os dois foram atrás da criançada.

Atravessaram o quarto e entraram pela porta secreta.

Uma porção de crianças estavam sentadas às mesas, deitadas nos tapetes, recostadas nas poltronas, com suas pequenas velas acesas, lendo!

— Ora essa! — o Antonio exclamou.

— Que ótima surpresa, essa criançada toda lendo!

Mas Joana não estava entendendo:

— Ué! Por que é que vocês não vêm ler de dia? Carlinhos respondeu por todos:

— A gente pode?

— Claro que pode — Joana respondeu.

— Para isso são as bibliotecas. Ainda mais as bibliotecas das escolas!

— Mas aqui não é a biblioteca da escola! — o João falou.

— É sim — disse Joana. — Ninguém sabia desta passagem, mas aqui é a biblioteca da escola. Vocês não conheciam?

— Nós nunca entramos aqui! — disse a Tuca. — A biblioteca está sempre fechada!

O pai e a mãe de Carlinhos se olharam!

— Ora essa! — disse Antonio. — Pra que serve uma biblioteca fechada?

No dia seguinte, Joana e Antonio foram falar com a diretora da Escola, dona Babete Ventura.

Não sei o que foi que eles conversaram. Mas na semana seguinte apareceu na frente da escola uma faixa que dizia:

Festa da biblioteca, não percam!

Última semana de outubro!

A festa na Biblioteca foi ótima!

Vieram crianças de todas as escolas da redondeza.

Teve uma surpresa muito grande para o Carlinhos.

Com essa história toda, Antonio descobriu que os livrões de que Carlinhos tanto gostava tinham sido escritos a mão por dona Carlotinha.

Ele então mandou para a Editora Salamandra, e dona Regina, que é a editora lá deles, gostou muito e resolveu editar as histórias todas.

Então ela fez uma coleção bárbara, ilustrada pelo Walter Ono, pela Eva Furnari, pelo Ziraldo, pelo Carlos de Brito, pela Helena Alexandrino, pelo Ivan Zigg e por mais uma porção de ilustradores incríveis e eles todos vieram para a festa.

Teve o lançamento dos livros e a Ana Maria Machado e a Sylvia Ortoff e o João Marinho e a Anna Flora e a Edy Lima vieram e assinaram muitos autógrafos nos livros deles.

Eu fui também e ganhei das crianças o Prêmio Jacaré, que era um prêmio que elas inventaram.

E as crianças podiam andar pela biblioteca toda e ver todos os livros, e sentar às mesinhas para ler o que elas quisessem.

E, daí em diante, a biblioteca passou a ficar aberta, não só o dia inteiro, mas nos sábados e domingos e, em alguns dias, até à noite.

E a cidade inteira podia ser sócia e levar livros para casa e teve uma porção de pessoas que deram mais livros para a biblioteca, todos ótimos, que ninguém ia dar livros-porcaria para uma biblioteca tão boa.

E até tiveram que ocupar outra sala da escola, para os livros todos caberem.

E agora, quando o Carlinhos fica com muita saudade da vovó, ele vai até a biblioteca e fica lendo os livros dela: do Trenzinho que Tinha o Nariz Frio, do Marinheiro Tatuado, dos Patos que Cantavam o Hino Nacional...

Ruth Rocha

Nascida em São Paulo, capital, em 1931, Ruth Rocha sempre viveu em São Paulo. Foi orientadora educacional e editora. Começou a escrever artigos sobre educação para a revista “Cláudia”, em 1967. Em 1969 começou a escrever histórias infantis para a revista “Recreio”. Em 1976 teve seu primeiro livro editado. De lá para cá publicou mais de cem livros no Brasil e vinte no exterior, em dezenove diferentes idiomas.

Negrinho do pastoreio

Recontada por Moacyr Scliar

Olhem o mapa do Brasil. Na ponta do nosso país, lá perto da Argentina e do Uruguai, vocês vão encontrar o Rio Grande do Sul. Esse grande Estado não fazia parte do Brasil, quando os portugueses aqui chegaram; foi conquistado aos espanhóis depois de muita luta. Os chefes dessa campanha vitoriosa dividiram entre si aquele território, e assim ficaram com enormes propriedades. Elas se localizam principalmente na metade sul do Rio Grande, uma região que é conhecida como o pampa. É muito plana, só tem colinas suaves (conhecidas como coxilhas) e presta-se para a criação do gado. Assim surgiram as estâncias e nelas, o personagem típico do

sul, o gaúcho. Seu trabalho principal era cuidar do gado, o que ele fazia montado a cavalo. Até fins do século dezenove, porém, boa parte dessa atividade estava entregue aos escravos negros. E foi por causa desses escravos que surgiu aquela que é a lenda mais famosa do Rio Grande do Sul, a lenda do Negrinho do Pastoreio. Tão famosa é esta história que ela foi recontada por grandes escritores, como Simões Lopes Neto. E há também uma canção dedicada ao personagem, uma canção que todos os gaúchos gostam de cantar. Vamos então conhecer o Negrinho do Pastoreio.

Isso aconteceu há muito tempo, na época em que ainda existiam escravos. Nessa época vivia no Rio Grande do Sul um estancieiro, um homem muito rico — e muito malvado, tão rico quanto malvado. Todos sabem que os gaúchos costumam ser generosos, hospitaleiros, mas esse estancieiro não oferecia sua casa para ninguém. E também não ajudava os necessitados.

O estancieiro tinha muitos bois, e também muitos cavalos. Entre estes, o seu preferido era um baio, quer dizer, um animal cujo pêlo era castanho puxando para o amarelado. O baio era um bom corredor, e o estancieiro gostava de desafiar os seus vizinhos para corridas de cavalo. Quem montava o baio era um escravo do estancieiro, um negrinho pequeno e magro. Tão desamparado era o pobre que nem nome tinha, muito menos padrinho ou madrinha; por isso se dizia afilhado de Nossa Senhora. O negrinho sofria muito, inclusive porque o filho do estancieiro, menino malvado, volta e meia batia nele.

Um dia, o estancieiro e um de seus vizinhos, dono de um belo cavalo, fizeram uma aposta alta — mil moedas de ouro — para ver qual dos dois animais era mais rápido. Muita gente veio assistir a essa corrida. Os gaúchos abriam suas guaiacas — uns cinturões muito enfeitados, que servem para guardar objetos — e de lá tiravam dinheiro para apostar. Dada a partida, os dois cavalos saíram em disparada, lado a lado. O pobre negrinho fazia o que podia: se perdesse a corrida, o estancieiro iria castigá-lo sem dó nem piedade.

E foi, infelizmente, o que aconteceu. Quase na chegada, o baio estacou de repente, empinou-se nas patas traseiras. Quando o negrinho conseguiu controlá-lo, já era tarde: o adversário tinha ganho a corrida.

O estancieiro, furioso, atirou no chão o dinheiro que devia. E quando chegou

em casa descarregou sua raiva no negrinho: mandou aplicar-lhe uma surra de relho. E deu-lhe um castigo. Como a corrida tinha sido de trinta quadras (quadra é uma antiga medida de comprimento), o rapaz teria de ficar trinta dias no campo, cuidando de cavalos (um pastoreio, no linguajar dos gaúchos). Eram trinta cavalos pretos e mais o baio.

E ali ficou o negrinho. Como estava preso a uma estaca por uma corda, não podia se abrigar da chuva ou do sol forte. Uma noite vieram os guaxinins (uma espécie de cães selvagens) e, com os afiados dentes, cortaram o laço que prendia o baio. O cavalo saiu a galope pelo campo, e os outros o seguiram.

O negrinho, que estava dormindo, não viu nada. Quando acordou, o dia já clareando, e viu que os cavalos tinham fugido, começou a chorar. O estancieiro, avisado pelo filho malvado do que tinha acontecido, mandou dar outra surra no escravo. Surrou-o até a noite e aí mandou que fosse, na escuridão, procurar os cavalos. O negrinho acendeu uma vela e, gemendo de dor, saiu pelo campo, subindo e descendo as coxilhas. Os pingos da vela iam caindo no chão e, coisa prodigiosa, a cada pingo que caía, nascia uma luz, que iluminava o pampa. E assim o negrinho pôde achar os cavalos. Juntou-os todos e, exausto, deitou no chão e adormeceu. Ao clarear do dia apareceu de novo o filho do estancieiro, que — mas era um demônio, mesmo, aquele guri! — soltou os cavalos.

Desta vez, o estancieiro enlouqueceu de raiva. Mandou dar de novo uma surra no negrinho, mas uma surra de relho muito pior que de outras vezes. O negrinho ficou todo lanhado, quase em carne viva, o sangue escorrendo das feridas. E o perverso estancieiro mandou que o colocassem num formigueiro, para que as formigas o devorassem. E ali o deixou. Naquela noite e nas noites seguintes, teve o mesmo sonho: sonhou que tinha ficado muito rico, que tinha mil escravos, mil cavalos baios, mil filhos, um milhão de moedas de ouro.

Três dias depois, foi até o lugar onde estava o formigueiro, para ver o que tinha sobrado do pequeno escravo. Quando lá chegou, arregalou os olhos, cheio de espanto.

O negrinho estava ali, de pé, a pele intata — nenhuma ferida, nada. Junto a ele, o baio e os trinta cavalos pretos. E, vigiando-os, Nossa Senhora. Risonho, o negrinho pulou no baio e saiu a galope, conduzindo a tropa de cavalos...

Para a gente da região o pequeno escravo tinha morrido no formigueiro. Mas então os gaúchos do campo começaram a falar de uma tropa de cavalos que passava à noite, conduzida por um negrinho montando um baio. E daí nasceu uma tradição, no Rio Grande do Sul: quem perdeu alguma coisa no campo deve acender uma vela para o Negrinho do Pastoreio. É o que diz a canção: "Negrinho do Pastoreio / acendo esta vela pra ti / e peço que me devolvas / a querência que eu perdi". Querência, no linguajar gaúcho, é o lar, o lugar a que estamos ligados por laços de afeição. O Negrinho do Pastoreio mora para sempre na grande e acolhedora querência que é a bela tradição do Rio Grande do Sul.

“História recontada por Moacyr Scliar, com base no folclore gaúcho e na narrativa de Simões Lopes Neto”.

Moacyr Scliar

Nascido em Porto Alegre, em 1937, Moacyr Scliar é autor de 55 livros, em vários gêneros: conto, romance, crônica, ensaio. Suas obras foram publicadas em mais de vinte países, com grande repercussão de crítica e de público. Tem trabalhos adaptados para o cinema, tevê, teatro e rádio.

A literatura juvenil é uma das áreas preferidas do autor. Como ele mesmo diz, "escrevendo para o público jovem, reencontro o jovem leitor que fui, e que buscava nos livros não apenas respostas para suas dúvidas e inquietudes, como sobretudo aquela emoção que só a literatura pode proporcionar".